



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *CAMPUS XIII*
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS**

SHAIANE NASCIMENTO SERRA

**SOLIDÃO E RESSIGNIFICAÇÕES AFETIVAS DA MULHER
NEGRA NA POESIA DE JOVINA SOUZA**

**ITABERABA
2025**

SHAIANE NASCIMENTO SERRA

**SOLIDÃO E RESSIGNIFICAÇÕES AFETIVAS DA MULHER
NEGRA NA POESIA DE JOVINA SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, Campus XIII; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Vanusa Mascarenhas Santos

ITABERABA
2025

SHAIANE NASCIMENTO SERRA

**SOLIDÃO E RESSIGNIFICAÇÕES AFETIVAS DA MULHER NEGRA
NA POESIA DE JOVINA SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, Campus XIII; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Prof^a. Vanusa Mascarenhas Santos.

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Vanusa Mascarenhas Santos
Universidade do Estado da Bahia
Orientadora

Prof^a. Dra. Juscilândia Oliveira Alves Campos
Universidade do Estado da Bahia
Examinadora

Prof^a. Dra. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves
Universidade do Estado da Bahia
Examinadora

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras que seguem fortes, neste caminho que não é fácil, mas que sabemos que tem tanto a nos oferecer. Àquelas que vieram antes de mim, que abriram caminho com palavras, coragem e resistência. E àquelas que ainda virão que a literatura também seja abrigo, voz e liberdade.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, este trabalho é, fruto de muitos encontros. Encontros com vozes. Ideias, afetos e caminhos que me atravessaram e me ajudaram a construir não apenas uma pesquisa, mas uma versão mais firme, consistente e sensível de mim mesma nesta jornada acadêmica.

Agradeço, primeiramente, a Deus, porque sem Ele nada disso seria possível. Foi Ele quem segurou minhas mãos em meio às dúvidas, aos medos e às tantas questões que, por vezes, quase me fizeram desistir. Sua presença me manteve de pé. Em cada queda, Ele foi abrigo. Em cada recomeço, foi força.

À minha mãe, Nirvanice Ribeiro, que sempre foi minha base e esteve presente em cada etapa das minhas caminhadas, me incentivando e nunca deixando com que desistisse. Seu cuidado e apoio foram fundamentais para que eu continuasse firme e seguindo adiante, mesmo nos momentos que as coisas pareciam difíceis. Obrigada por ser esse suporte constante, por acreditar em mim mesmo quando eu mesma duvidava.

À minha orientadora, Vanusa Mascarenhas, sou profundamente grata pelo acolhimento desde o início, pela escuta atenta e generosa, e pela confiança no meu processo, mesmo quando ele foi atravessado por ansiedades e inseguranças.

Aos professores e professoras do curso de Letras da UNEB Campus XIII, agradeço por cada aula que me desafiou a pensar, por cada leitura que me atravessou e por cada discussão que ampliou ainda mais meu modo de enxergar o mundo através da literatura. Foi por meio de suas provocações teóricas que compreendi a potência da palavra como ferramenta de transformação e resistência. Em especial, às docentes que me apresentaram à literatura negra com a profundidade que ela merece.

Aos meus amigos de graduação, guardarei com carinho cada momento que vivemos aos longos desses anos. Em especial Michel Sampaio, Denise Brito e Camila Guimarães, sou grata por cada momento, fossem eles de caos em meio às disciplinas ou de muitas risadas, por alegrarem meus dias com tanta leveza. Esses anos não teriam sido os mesmos sem a amizade de vocês!

E, por fim, agradeço a mim mesma pela força que me fez seguir mesmo quando o caminho parecia impossível, pela coragem de ouvir minhas inquietações e transformá-las em combustível para avançar. Por nunca ter deixado que minhas dores me calassem, mas sim, que elas fossem trilhas para a minha resistência.

*Este é o destino de
toda mulher negra?
Derramar mares pelos
olhos sem que ninguém
esteja lá para nadar também?*

Luana Carvalho

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a poesia da escritora baiana Jovina Souza representa a solidão afetiva da mulher negra, a partir dos atravessamentos de raça, gênero e afeto presentes em sua obra *O amor não está* (2019). A pesquisa busca compreender de que forma essas experiências são construídas simbolicamente na literatura e como a autora elabora, por meio da escrita poética, mecanismos de enfrentamento e ressignificação do amor. Adota-se uma abordagem qualitativa, com foco na análise literária, tomando como *corpus* poesias que evidenciam os sentimentos de abandono, ausência, desejo e resistência afetiva. A perspectiva teórica adotada baseia-se nos pressupostos do feminismo negro e na interseccionalidade, permitindo compreender como as relações de poder atravessam as experiências afetivas das mulheres negras. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de bell hooks (1995, 2013, 2021), Patricia Hill Collins (2019, 2021), Grada Kilomba (2019), Djamilia Ribeiro (2018), Angela Davis (2011), Sueli Carneiro (2003), Silvio Almeida (2019), Conceição Evaristo (2020), Regina Dalcastagnè (2007), Florentina Souza (2017), Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), Isabella Rosado Nunes (2020), Colomer (2007), Takeuti (2015) e Gil (2002). A partir dessas referências, observa-se que a poesia de Jovina Souza constrói uma estética da resistência, em que a solidão deixa de ser apenas dor e passa a ser também ponto de partida para a construção de novas identidades afetivas. Dessa forma, a literatura produzida por mulheres negras afirma-se como território de denúncia, cura simbólica e reinvenção subjetiva.

Palavras-chave: Solidão; Literatura Negra; Ressignificação do amor; Interseccionalidade; Jovina Souza.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A VOZ DE JOVINA SOUZA: POÉTICA NEGRA E RESISTÊNCIA LITERÁRIA	15
3 O AMOR NÃO ESTÁ	24
4 A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA	29
4.1 ENTRE LINHAS E LAMENTOS: A SOLIDÃO NA POESIA DE JOVINA SOUZA.....	34
5 RESSIGNIFICAÇÕES DO AMOR	41
5.1 O AMOR COMO ATO DE RESIGNIFICAÇÃO NA VOZ POÉTICA DE JOVINA SOUZA.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce de um incômodo que surgiu à medida que fui ampliando meu conhecimento e contato com a literatura negra brasileira e com as experiências que ela retrata. A cada leitura, tornava-se mais evidente que os textos escritos por mulheres negras não somente denunciam desigualdades históricas, mas também elaboram, com profundidade e sensibilidade, experiências afetivas que costumam ser silenciadas nos discursos mais comuns da sociedade. Com o tempo e, especialmente, a partir do momento em que me reconheci como mulher negra no mundo, tornou-se impossível ignorar como raça, gênero e afeto se cruzam e moldam a vida de tantas mulheres como eu.

Esse incômodo não é passageiro, nem fruto de uma percepção isolada, mas sim o resultado de uma descoberta importante: a solidão vivida por muitas mulheres negras não acontece por acaso, nem é uma experiência individual ou uma invenção da sociedade, como algumas pessoas sugerem. Essa solidão se repete em diferentes contextos, em diferentes gerações, e tem como base um projeto histórico de exclusão. A solidão da mulher negra é uma manifestação evidente de algo muito maior: como o racismo e o sexismo se estruturaram para negar à mulher negra o direito ao afeto, à escolha e ao reconhecimento enquanto sujeito de desejo.

Ao longo da história brasileira, marcada pela herança colonial e escravista, os corpos negros foram desumanizados, explorados e erotizados. No caso das mulheres negras, esse processo foi ainda mais violento: elas foram reduzidas a corpos utilitários para o trabalho, para o prazer alheio, para o cuidado, mas raramente vistas como dignas de afeto, de escuta ou de permanência. A mulher negra, atravessada pelas estruturas do racismo e do machismo, enfrenta frequentemente a negação do direito ao amor pleno. Além disso, ela é muitas vezes invisibilizada enquanto sujeito digno de ser desejado, cuidado e verdadeiramente amado, reforçando sua exclusão nas relações afetivas e sociais.

A experiência da solidão amorosa da mulher negra, embora vivida individualmente em cada trajetória, é resultado de uma estrutura social que condiciona os afetos, os desejos e as formas de amar. Como traz Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013, p, 18.), “racismo e o sexismo são ideologias e práticas socioculturais, que regulam as preferências afetivas das pessoas, ganhando materialidade no corpo

racializado e sexualizado”. Essas estruturas se manifestam de forma tangível nas escolhas amorosas, nos padrões de beleza, na representação midiática e nas relações interpessoais, criando hierarquias de desejo que, sistematicamente, colocam a mulher negra na posição da que é preterida, descartada ou esquecida. Assim, no caso das mulheres negras, a solidão não é apenas uma ausência de companhia, mas um lugar de apagamento simbólico e emocional, muitas vezes construído desde a infância, por meio de discursos que negam à mulher negra o direito ao afeto romântico e à vulnerabilidade. Esse fenômeno pode ser compreendido como uma solidão específica, marcada pela interseccionalidade entre raça e gênero. Segundo Collins e Bilge (2021).

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins; Bilge. 2021, p. 17)

Observa-se que a interseccionalidade proposta por Collins (2021) permite compreender a solidão da mulher negra não como uma condição isolada ou circunstancial, mas como resultado de uma sobreposição de sistemas de opressão. No caso da mulher negra, o racismo, o sexismo e o classismo se articulam para produzir não apenas a exclusão material, mas também afetiva e simbólica, especialmente no campo das relações amorosas.

Dessa forma, ao considerar o amor como território de exclusão para a mulher negra, é possível compreender que essa solidão é historicamente construída e sistematicamente mantida. A interseccionalidade, nesse caso, não apenas revela os múltiplos atravessamentos que moldam essa experiência, mas também denuncia as formas como o afeto é racializado, seletivo e profundamente desigual. A literatura, sobretudo a poesia de autoras negras como Jovina Souza, emerge como espaço de denúncia e reexistência, ao nomear essas ausências e propor novos sentidos para a vivência afetiva da mulher negra.

A mulher negra é, ao mesmo tempo, hipersexualizada e desumanizada, vista como corpo disponível para o prazer fácil ou força útil para o cuidado, mas raramente

reconhecida como parceira amorosa legítima. Esse processo de objetificação e exclusão atravessa tanto os espaços públicos quanto os mais íntimos, fazendo com que a mulher negra se veja constantemente em um lugar de ausência, mesmo estando presente.

Muitas mulheres negras encontram um meio potente na escrita para expressar suas vivências e elaborar as violências físicas, simbólicas e afetivas que atravessam suas trajetórias. A literatura negra feminina, sobretudo nas últimas décadas, vem se consolidando como um espaço de resistência, memória e reconstrução identitária. Nesse campo, o ato de escrever transcende a dimensão estética: torna-se também um gesto político e existencial, por meio do qual essas mulheres reivindicam o direito de existir com complexidade, emoção e humanidade. Ao abordarem temas como o amor, o abandono, a solidão e o racismo, suas vozes interrompem o silêncio imposto pelas narrativas hegemônicas e denunciam as estruturas que sustentam a exclusão.

Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) oferece uma importante chave de leitura ao afirmar que a solidão afetiva vivida pela mulher negra não é fruto do acaso, mas uma experiência forjada por estruturas de poder que articulam racismo, sexismo e desigualdade social. Como aponta a autora:

[...] é possível entender determinadas experiências emocionais, como a solidão entre mulheres negras, e, ao mesmo tempo, informar outras dimensões da estrutura social como o seu entrelaçamento com as questões de gênero, raça, posição social e outras formas de poder historicamente situadas. (Pacheco, 2013, p. 44)

Essa perspectiva revela que a exclusão afetiva de mulheres negras não se limita ao plano das escolhas individuais ou da sorte nos relacionamentos, mas está inserida em um sistema que historicamente as posiciona fora do ideal amoroso, negando-lhes reconhecimento, cuidado e reciprocidade. Ao transformarem essa dor em palavra escrita, essas autoras não apenas denunciam essa lógica perversa, mas também constroem novas possibilidades de afeto, pertencimento e reexistência.

Pacheco (2013) amplia essa análise ao defender que o campo afetivo, assim como o político e o econômico, é permeado por ideologias que definem quem é digno de amar e ser amado. Nesse cenário, a mulher negra enfrenta a negação simbólica de seu valor afetivo, sendo frequentemente excluída das representações sociais relacionadas ao amor, cuidado e parceria. Contudo, é justamente diante dessa exclusão que muitas mulheres negras transformam a escrita em uma ferramenta

poderosa de resistência e reconstrução de si mesmas. Por meio da escrita, ao narrar suas dores, ausências e silêncios, elas rompem com o apagamento histórico, ressignificam suas experiências e criam espaços de existência, pertencimento e visibilidade.

Nesse movimento, a poesia de Jovina Souza emerge como um gesto profundo de cura, um ato de escrita que desafia o silêncio imposto e revela as brechas onde, mesmo diante de tantas negações, os afetos ainda brotam. Em seus versos, o amor não aparece como algo idealizado: é marcado pela ausência, frustração, abandono e, acima de tudo, pela tentativa de se reinventar após a dor. Trata-se de um amor que luta por existir em um corpo negro, historicamente tratado como objeto e não como sujeito digno de cuidado e reciprocidade. Ao trazer esse amor para o centro de sua poética, a autora desafia diretamente a perspectiva mitológica do amor romântico, muitas vezes tratado como universal, neutro e descolado de marcadores sociais.

Conforme Takeuti (2015):

Ademais, devemos ver essa colonialidade do poder que engloba a colonialidade do amor – as formas de amar, ou melhor, as expressividades sociais do amor – com o desenvolvimento da ideia da família empreendedora (um dos eixos do neoliberalismo) que ganha conformação de ‘família feliz’ (forma que vai ocultar o cerne de sua constituição no projeto neoliberal, enquanto alicerce da produção do capital humano). (Takeuti, 2015, p. 68-69)

A partir dessa reflexão, torna-se evidente que o amor romântico, vendido como ideal universal, regula condutas e afetos, perpetuando hierarquias de raça, gênero e classe. Na poesia de Jovina Souza, esse modelo é tensionado: seu eu lírico inscreve experiências que não cabem nos moldes da “família feliz” ou do “final feliz”. O que aparece em seus versos são afetos que escapam à lógica da funcionalidade e do consumo, afetos que doem, resistem e persistem em existir apesar das tentativas históricas de apagamento.

Ao escrever a partir de um corpo negro e feminino, a autora não apenas denuncia o caráter excludente do amor normativo, mas propõe outras formas possíveis para o sentir. Sua poesia, portanto, não somente contesta a colonialidade do amor, mas afirma-se como território de invenção e autonomia afetiva. É um ato político em que o desejo e o amor param de ser usados para controlar as pessoas e passam a ser espaços onde elas podem ser livres e se reconhecer como são.

Ao se aprofundar em sua obra, percebe-se uma intenção de fazer da palavra tanto um abrigo quanto uma arma. Jovina Souza não se esquivava de expor a ferida, pelo contrário, encara-a com firmeza, e é justamente essa coragem que a insere em uma longa tradição de resistência da escrita negra contemporânea. Segundo Florentina Souza (2017):

A produção de mulheres negras, inserida neste contexto, pode ser lida como uma estratégia de resistir ao epistemicídio; a quebra de fronteiras rígidas, as pequenas insurgências nas práticas cotidianas e artísticas, os movimentos sociais de rememoração de histórias impuseram às culturas dos países colonizados um colorido diversificado, um tom diferente; tom e cores que, na maioria dos casos, foram descritos como intervenções da cultura popular, à qual foi atribuído um significado hierarquizante e redutor. (Souza, 2017, p. 25)

A perspectiva de enfrentamento na obra de Jovina Souza coincide com a resistência ao epistemicídio mencionada por Florentina Souza (2017). Trata-se de uma escrita que denuncia a negação histórica dos saberes, sentimentos, intelecto e sensibilidade das mulheres negras.

O epistemicídio refere-se à eliminação sistemática dos conhecimentos e formas de entendimento próprios de grupos historicamente marginalizados, sobretudo das mulheres negras, cujas experiências e saberes são desvalorizados, invisibilizados ou simplesmente negados pelos discursos dominantes. Essa negação vai além da simples exclusão social; trata-se de uma violência simbólica que reforça a desigualdade e o apagamento cultural.

Ao escrever, Jovina Souza não apenas resiste a essa lógica de silenciamento, mas reexiste, ou seja, reconstrói e reafirma sua identidade, seus saberes e suas emoções. Por meio da palavra escrita, ela cria espaços de existência e visibilidade que desafiam o apagamento histórico e epistemológico, reivindicando o direito de as mulheres negras serem reconhecidas em toda a sua complexidade e humanidade.

A resistência, nesse contexto, pode ser compreendida como a negação ativa das violências simbólicas e estruturais que, historicamente, desumanizaram os corpos negros, especialmente os corpos de mulheres negras. Trata-se de um gesto que confronta os sistemas de exclusão racial, de gênero e de classe que estruturam a normatividade social e afetiva. Essa reexistência pulsa com uma afetividade profundamente subversiva. Não se trata de uma afetividade qualquer, mas daquela sistematicamente negada às mulheres negras ao longo da história. Longe de

expressar carência, sua poesia revela a potência de se reerguer, mesmo tendo o amor atravessado por colonialidade, racismo e machismo.

Analisando a poesia de Jovina Souza, é possível perceber como sua escrita desafia as convenções tradicionais que determinam o que é ou não considerado literatura. Seu lirismo é político porque é íntimo, e é íntimo porque carrega a força da história. Essa abordagem está alinhada com o que Florentina Souza (2017) aponta em seu artigo: para essas mulheres, o vivido e o literário não são compartimentos separados. Escreve-se a partir do corpo, da memória, da ausência, da raiva e da ternura, elementos que tornam essa produção tão urgente e transformadora.

A autora traz o retrato de quem não está sozinha nesse trajeto. Sua escrita dialoga com diversas outras mulheres negras que, como ela, encontram na palavra um espaço tanto para luta quanto para renascimento. Encara-se o afeto negado não apenas como denúncia, mas como criação de novas possibilidades: de amar, existir e narrar-se. E isso, para mim, é uma das mais nobres funções da literatura: abrir caminhos até onde parecia não existir mais chão.

O objetivo deste trabalho é analisar, por meio da análise crítica de poesias escolhidas da obra *O Amor Não Está* (2019), escrita por Jovina Souza, a forma como a autora expressa a solidão amorosa enfrentada pela mulher negra e as maneiras pelas quais essa vivência é experimentada, confrontada e reinterpretada em sua poesia. Começa-se pela identificação de elementos simbólicos, poéticos e sociais que permeiam essa experiência e que aparecem com frequência em sua produção, como o abandono, a espera, o anseio frustrado, o silêncio, a dor da falta e a resistência frente à falta de reconhecimento afetivo. Ao abordar essas questões, Jovina Souza não apenas expõe a situação histórica de marginalização e falta de visibilidade da mulher negra nas relações amorosas, mas também converte sua escrita em um veículo de crítica, desenvolvimento pessoal e reinvenção das maneiras de amar. Assim, esta pesquisa busca compreender como a poesia da autora contesta as narrativas predominantes sobre o amor, desafia as estruturas racistas e patriarcais que influenciam as interações e reafirma, por meio de sua linguagem, a potência de uma subjetividade negra que, apesar de ser marcada pela solidão, se reestabelece na resistência e na geração de novos significados para o afeto.

Inspirada pelos pressupostos do feminismo negro, esta pesquisa se fundamenta em uma abordagem interseccional para refletir sobre as camadas de opressão que atravessam a experiência afetiva da mulher negra na sociedade

brasileira. A escolha desse recorte teórico busca evidenciar como raça e gênero operam conjuntamente na construção da invisibilidade afetiva que atinge essas mulheres, sendo a literatura o espaço escolhido para a análise dessas marcas.

A pesquisa parte do entendimento de que o campo amoroso também é político e os afetos ou a ausência deles revelam estruturas sociais desiguais. A solidão da mulher negra, nesse sentido, não é uma condição ocasional ou meramente subjetiva, mas sim uma experiência compartilhada, construída por atravessamentos históricos e culturais que reforçam a negação do amor e da valorização emocional desses corpos.

A metodologia empregada é a análise literária com enfoque qualitativo, por meio da leitura crítica de poesias que abordam temas como a ausência, a espera e o abandono afetivo. O *corpus* da pesquisa foi selecionado por tratar de maneira poética e sensível as vivências afetivas das mulheres negras, permitindo estabelecer um diálogo entre a produção literária e as teorias sociais que refletem sobre o lugar que essas mulheres ocupam nas dinâmicas do amor e da afetividade. Conforme aponta Gil (2002), a pesquisa qualitativa tem como objetivo a compreensão profunda dos fenômenos, valorizando a interpretação dos sentidos e significados presentes no objeto de estudo, o que se mostra fundamental para a análise detalhada da poesia no presente trabalho.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, a introdução, apresenta-se a pesquisa, seus objetivos e os pressupostos teóricos e metodológicos. O segundo capítulo dedica-se à trajetória da autora e à relevância de sua produção no cenário da literatura negra contemporânea. O terceiro capítulo, focaliza a obra que constitui o corpus desta pesquisa, explorando seu conteúdo e significados. No quarto capítulo, discute-se a construção histórica, social e afetiva da solidão feminina negra, com destaque para a análise poética em. O quinto capítulo, aborda as estratégias de resignificação do amor na voz poética de Jovina Souza, aprofundadas no item. Por fim, nas considerações finais, retomam-se as principais reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho, reforçando o papel da literatura como espaço simbólico de cura, denúncia e reexistência.

Com isso, esta pesquisa busca contribuir para o fortalecimento das discussões em torno da afetividade da mulher negra, ao propor uma leitura que reconhece a solidão como uma experiência estruturada por violências históricas, mas também como um ponto de partida para processos de resignificação. Ao analisar a poesia de Jovina Souza, pretende-se evidenciar como a palavra escrita pode operar como gesto

político de reconstrução subjetiva, reafirmando a literatura como um território de elaboração crítica, cura simbólica e resistência afetiva.

2 A VOZ DE JOVINA SOUZA: POÉTICA NEGRA E RESISTÊNCIA LITERÁRIA

A literatura negra baiana, marcada por vozes que emergem da interseção entre raça e território, vem se consolidando como um campo de afirmação política e estética no panorama da literatura brasileira contemporânea. Trata-se de uma produção que nasce do enfrentamento às estruturas históricas de exclusão, mas que também celebra a memória, a oralidade e a reinvenção das identidades negras a partir do solo baiano, território que concentra uma das maiores populações negras fora do continente africano. Nesse contexto, poetas, contistas, romancistas e ensaístas negros e negras da Bahia não escrevem só sobre suas experiências, mas escrevem a partir delas, mostrando o que vivem, sentem e pensam a partir do próprio lugar de existência, elaborando o cotidiano, os afetos, as ausências e os silêncios como matéria literária e política. Como afirma Conceição Evaristo (2020):

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (Evaristo, 2020, p 30)

A literatura negra, especialmente quando produzida por mulheres, carrega em si a potência da memória ancestral e a força da experiência vivida como forma de resistência e recriação. No contexto baiano, essa escrevivência ganha contornos ainda mais marcantes, pois se entrelaça com uma geografia cultural profundamente atravessada por heranças africanas, tradições orais e religiosidades de matriz afro-brasileira. Poetas como Jovina Souza, ao escrever desde seu lugar de mulher negra, baiana e periférica, transformam a palavra em espaço de afirmação identitária, denúncia das opressões e elaboração de afetos, sobretudo do amor e da solidão, e propõem novas formas de existir e resistir na literatura. Inserida nesse movimento, a obra de Jovina Souza se destaca por abordar com lirismo e contundência temas como

amor, ressignificação, força, corpo e solidão, configurando-se como uma escrita que reivindica lugar, voz e escuta no cenário literário e social.

Apesar da relevância de sua produção literária para a literatura negra baiana, informações detalhadas sobre a vida pessoal e trajetória da autora são quase escassas. Essa ausência evidencia a dificuldade histórica de documentação e reconhecimento de escritoras negras, reforçando a importância de dar visibilidade a esses sujeitos na literatura contemporânea.

Nesse contexto, grande parte do conhecimento disponível sobre Jovina Souza nesta pesquisa emerge de vídeos e entrevistas concedidas por ela em plataformas digitais e mídias sociais. Esses espaços audiovisuais configuram-se como instrumentos vitais para a autorrepresentação e a construção de sua narrativa autoral, oferecendo um contraponto às limitações do formato escrito e institucionalizado. Além disso, esse movimento destaca a importância da oralidade e do testemunho na literatura negra, elementos que atuam como formas de produzir memória e conhecimento a partir da experiência vivida.

Portanto, embora a ausência de fontes tradicionais dificulte uma análise biográfica mais convencional, ela também destaca a necessidade de ampliar os parâmetros metodológicos e reconhecer a multiplicidade de formas pelas quais a memória e a produção cultural negras se manifestam e se preservam. Dessa maneira, o uso de entrevistas e vídeos não apenas enriquece a compreensão sobre a autora e de sua obra, como também representa um exercício de descolonização dos métodos acadêmicos, valorizando vozes e registros que escapam às práticas hegemônicas de documentação.

Jovina da Conceição de Souza é uma escritora baiana, nascida em Feira de Santana e criada na cidade de Gandu, onde passou a infância e adolescência. Desde cedo, Jovina Souza esteve cercada por um ambiente em que o conhecimento era visto como um caminho de transformação. Conforme relatado pela própria Jovina Souza em documentário ao *Portuário Atelier Editoria*¹(2021), sua infância foi marcada por episódios de exclusão racial. Por ser uma menina preta, não lhe foi permitido frequentar as escolas da cidade. Diante dessa barreira, seus pais, especialmente o pai, José Brandão de Souza, homem negro com maior escolaridade, decidiram criar alternativas. Movido pelo compromisso com a educação e pelo desejo de romper com

¹ Documentário disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=4355185027893008>.

o ciclo de silenciamento imposto pelo racismo, ele fundou uma pequena escola comunitária em casa, alfabetizando Jovina, seus irmãos e outras crianças da vizinhança que haviam sido rejeitadas pelas instituições locais.

Com a alfabetização já consolidada, Jovina ingressou na escola pública de Gandu, município então dominado pelos latifúndios de cacau. Sua desenvoltura surpreendeu a primeira professora, que não esperava encontrar, entre crianças negras e pobres, alguém com nível de instrução equivalente ao dos filhos dos grandes fazendeiros da região. Graças à base sólida proporcionada pelo pai, Jovina pôde dar continuidade aos estudos e, assim, integrar o restrito grupo de negros que conseguiam alcançar o ensino superior no Brasil.

A trajetória dela ilustra claramente os efeitos do racismo estrutural no acesso à educação formal, evidenciando uma realidade em que crianças negras são sistematicamente excluídas das instituições escolares convencionais. De acordo com Silvio Almeida (2019):

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratam de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como 'normais' em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. (Almeida, 2019, p. 32)

Dessa maneira, a vivência de Jovina Souza válida a crítica ao modelo educacional predominante, que reproduz disparidades raciais e restringe o poder transformador da escola como meio de libertação. Essa crítica se conecta com as ideias de bell hook (2013, p, 25.), que defende uma educação dedicada à libertação de grupos historicamente marginalizados “A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender.”

Ao criar um ambiente de aprendizado fora dos parâmetros institucionais tradicionais, como fez o pai de Jovina, inicia-se um processo pedagógico que, apesar de ser informal, desafia o modelo excludente e valoriza o conhecimento negro como um meio de resistência e autonomia. Esta abordagem se caracteriza, portando, como uma pedagogia de transgressão, “um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade.” (hooks, p, 24.)

Segundo Jovina Souza (2021), a resposta de sua família à exclusão escolar revela uma estratégia de resistência que questiona diretamente as estruturas

institucionais racistas. Reconhecendo a educação como um espaço de disputa simbólica, o pai da autora funda uma escola comunitária em sua própria casa. Assim, a negação do acesso é combatida por meio de uma ação coletiva que fortalece a comunidade. Essa prática remete à concepção de bell hooks (2013), que entende o ato de ensinar como uma prática da liberdade, especialmente quando emerge em contextos de opressão e se orienta pela valorização das experiências e saberes historicamente marginalizados. Longe de ser apenas uma alternativa emergencial, esse gesto pedagógico inaugura um espaço em que o pertencimento racial é reconhecido e celebrado, apontando para a urgência de fortalecer propostas educativas que desafiem o modelo hegemônico e resgatem a centralidade das epistemologias negras.

O ambiente familiar da autora foi marcado por uma circulação intensa de saberes, onde os livros, a oralidade e a literatura popular, especialmente o cordel, tiveram papel fundamental em sua formação leitora. Desde a infância, o contato com a literatura, vivido em uma cidade do interior da Bahia, ampliou sua percepção crítica sobre a condição da mulher negra. A leitura de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, foi particularmente significativa, pois revelou para ela, ainda jovem, o mundo que estaria lhe esperando como mulher negra, funcionando como um alerta para as violências simbólicas, sociais e afetivas que atravessariam sua trajetória.

Nesse contexto, a literatura negra se estabelece não apenas como expressão artística, mas como ferramenta política de insurgência contra os sistemas de opressão que historicamente silenciaram vozes negras. Ao inscrever suas experiências, dores, afetos e ancestralidades na linguagem, escritoras negras reconfiguram o próprio ato de escrever, deslocando-o do campo puramente estético para o campo ético e político.

A presença da literatura negra nesse momento da vida de Jovina Souza revela o quanto ela foi fundamental para sua formação crítica e sensível, funcionando como um espaço de acolhimento, reconhecimento e fortalecimento identitário. Mais do que uma influência literária, tratou-se de uma experiência de pertencimento e de ampliação da consciência sobre sua existência no mundo. Além disso, é fundamental desenvolver a capacidade de leitura crítica, tanto de textos escritos quanto de imagens, aprendendo a identificar e não se deixar levar por mensagens negativas que podem estar nas palavras, nas entrelinhas ou até mesmo sugeridas nas imagens. Como afirma, Teresa Colomer (2007):

[...] aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio. (Colomer, 2007, p.70)

A escrita torna-se, portanto, um instrumento de reposicionamento social e simbólico, em que o sujeito negro assume o papel de produtor de saberes e narrativas, e não apenas de objeto de representação. A literatura negra, especialmente a produzida por mulheres, desestabiliza a lógica da branquitude como centro do discurso literário e propõe novas epistemologias, nas quais o cotidiano, o corpo, a dor e o amor da mulher negra ocupam o centro do enredo. Dessa forma, a produção de autoras como Jovina Souza não apenas tensiona as estruturas narrativas tradicionais, como também constrói uma poética da resistência, onde a palavra carrega a memória ancestral e o gesto de escrever se confunde com o ato de existir.

A experiência leitora de Jovina Souza exemplifica essa dinâmica, em que a literatura se torna não apenas um meio de formação pessoal, mas também uma ferramenta de resistência política e construção de pertencimento. Por meio dela, ela encontra um modo de nomear e enfrentar as opressões, ao mesmo tempo em que fortalece sua identidade enquanto mulher negra.

Aos 17 anos, Jovina Souza mudou-se para Salvador, onde consolidou sua trajetória intelectual e literária e reside até hoje. Graduada em Letras Vernáculas pela UFBA, com ênfase em Literatura Brasileira e Teoria Literária, se especializou em Estudos Literários e é mestra em Teoria e Crítica da Cultura e da Literatura, além de ser especialista em Ensino da História da Literatura Afro-Brasileira. Paralelamente à sua formação acadêmica, dedica-se a ministrar cursos, oficinas e palestras em escolas públicas e universidades, além de produzir poesias, contos e ensaios que trazem um olhar crítico sobre a experiência da mulher negra na sociedade brasileira. Apesar de sua produção literária ter se iniciado na idade adulta, as palavras sempre ocuparam um lugar central em sua vida, tanto como instrumento de leitura do mundo quanto como ferramenta de denúncia e de reinvenção de si mesma.

Sua decisão de escrever está diretamente ligada à ausência de representações afirmativas na literatura brasileira, especialmente no que diz respeito à população

negra. Em entrevista ao site *Brasil de Fato* (2021)², Jovina Souza expressa essa inquietação com clareza, revelando as motivações políticas e afetivas de sua escrita:

[...] Eu decidi mesmo começar a escrever a partir de 2014, foi quando eu vi que o texto preto procurava um leitor ansioso em se ver representado nos textos da literatura brasileira. Uma criança, um jovem negro muito angustiado por se deparar com representações negativas sobre ele, sobre seus antepassados, sobre sua história, sobre sua cultura. (Souza, 2021. s.p.)

Esse depoimento evidencia como sua escrita nasce de uma urgência não apenas estética, mas profundamente política: a necessidade de construir, por meio da linguagem, espaços de identificação, memória e reparação simbólica para sujeitos historicamente silenciados. Para Jovina Souza, a literatura é mais do que expressão é uma prática de resistência.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as análises de Dalcastagnè (2007), que aponta como o campo literário brasileiro ainda opera com uma lógica excludente, marcada pela predominância de autores brancos, homens e de classe média. Como destaca a pesquisadora, quando sujeitos negros, pobres ou periféricos aparecem nas narrativas, geralmente ocupam posições secundárias ou são representados de forma estereotipada. Nesse contexto, autoras como Jovina Souza enfrentam o duplo desafio de romper com essas imagens fixadas e, ao mesmo tempo, legitimar sua própria voz como produtora de discurso literário.

A autorrepresentação, portanto, torna-se uma estratégia fundamental. Ao escrever sobre suas experiências e sobre o cotidiano de pessoas negras, Jovina Souza se insere em um movimento contemporâneo de disputa de narrativas, reafirmando a importância de que a literatura seja também lugar de pluralidade de perspectivas. Como afirma Dalcastagnè (2007, p. 19), “a literatura é também um dos terrenos em que são reproduzidas e perpetuadas *determinadas* representações sociais, camufladas, muitas vezes, no pretense ‘realismo’ da obra.”, e subverter esse processo é, em si, um ato político. A escrita de Jovina Souza desestabiliza a hierarquia simbólica que determina quem tem o direito de narrar e quem permanece como objeto do olhar alheio.

² Entrevista concedida ao Brasil de Fato, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/01/a-literatura-dialoga-com-todas-instancias-da-vida-com-todos-os-poderes-afirma-poeta-jovina>. Acesso em: 22 mai. 2025.

Sua literatura insere-se em uma longa tradição de resistência construída por mulheres negras, como Carolina Maria de Jesus, com quem compartilha não só a origem popular, mas também o compromisso com a denúncia das desigualdades e a valorização da experiência vivida como matéria literária. Nesse contexto, sua obra se destaca como uma das expressões mais significativas da produção negra contemporânea, tanto pelo rigor estético quanto pela força de sua intervenção crítica no debate sobre representação, autoria e pertencimento no campo literário brasileiro.

Essa trajetória literária ganha ainda mais potência quando observada à luz das reflexões de bell hooks (1995), que afirma que o percurso das mulheres negras no meio intelectual é atravessado por múltiplas barreiras, incluindo o sexismo, o racismo e um anti-intelectualismo estrutural que frequentemente invisibiliza suas produções críticas. Para hooks, o trabalho intelectual dessas mulheres não se reduz a um exercício do pensamento, mas constitui um ato de insurgência política e afirmação existencial, um esforço constante para resistir e reexistir dentro de estruturas que historicamente as relegaram à condição de corpo, servidão e silêncio. A literatura torna-se, portanto, não apenas um espaço de criação artística, mas também um território de reivindicação de humanidade, voz e pensamento.

Além de sua produção literária, Jovina Souza se destaca como militante contra o racismo e defensora da valorização da cultura afro-brasileira. Desenvolveu diversos projetos voltados à promoção da identidade negra, ao fortalecimento da autoestima de pessoas negras e à formação de intelectuais negros, bem como à capacitação de professores para a implementação da Lei 10.639/03³, que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Entre essas iniciativas, destaca-se o projeto *Kambranganza*, voltado à conscientização de educadores sobre a importância do ensino antirracista e à criação de estratégias pedagógicas que promovam inclusão e equidade racial.

Dessa forma, sua atuação combina a dimensão criativa e literária com a ação social e educativa, evidenciando como a escrita e a pesquisa se articulam à militância, fortalecendo a presença e o protagonismo da população negra no espaço acadêmico, cultural e comunitário. Assim, Jovina Souza transforma a palavra em instrumento de reflexão, resistência e transformação social.

³ Promulgada em 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei 10.639 estabelece que os currículos dos estabelecimentos de ensino, públicos e privados, devem incluir conteúdos sobre a História e a Cultura Afro-brasileira.

É nesse horizonte de resistência e afirmação que se inscreve a obra de Jovina Souza. Seu primeiro livro, *Agdá* (2012), marca não apenas o início de sua trajetória como autora, mas também a consolidação dos principais eixos temáticos que atravessam sua produção: ancestralidade, corpo, silêncio, amor e resistência. Desde então, até o presente ano, Jovina publicou outros seis livros de poesia sendo eles: *O Caminho das Estações* (2018), *O Amor Não Está* (2019), *O Levante da Fênix* (2021), *Memorial do Espelho* (2022), *Para o Homem da Rua K* (2023) e *Estampas do Abismo* (2023). Além de possuir publicações nos *Cadernos Negros* e em revistas como: *Ruído Manifesto*, *Acrobata*, *Mallarmargens*, *Organismo*, *Ômnira* e *Mitaraka*. Essa trajetória reafirma sua posição como uma das vozes mais expressivas da literatura negra contemporânea na Bahia, consolidando seu compromisso com a representação da experiência negra e com a reflexão crítica sobre as desigualdades sociais.

A escrita de Jovina Souza se inscreve em uma linhagem de autoras negras que produzem a partir das margens, transformando vivência em estética, e dor em discurso poético e político. Sua poesia, em particular, é atravessada por uma voz feminina negra que fala a partir da fronteira entre o trauma e a reinvenção, criando um espaço de fala onde a subjetividade, a denúncia e o afeto se entrelaçam. Trata-se de uma literatura marcada pela consciência de si e pela força simbólica da palavra como ferramenta de cura e resistência.

Nesse sentido, sua obra pode ser compreendida à luz do conceito de *escrevivência*, elaborado por Conceição Evaristo, que define a escrita da mulher negra como experiência entrelaçada à vida, ao cotidiano e às marcas da ancestralidade. A *escrevivência* rompe com os discursos normativos sobre a literatura ao legitimar a memória, o corpo e a dor como matéria narrativa. Como afirma Isabella Rosado Nunes:

Nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (Nunes, 2020, p. 30)

A partir dessa perspectiva, a poética de Jovina Souza convoca a escuta de vozes historicamente soterradas e desloca o centro do discurso literário ao inscrever experiências negras femininas como matéria legítima de arte e reflexão. Mais do que representar vivências, sua poesia tensiona os limites do que é considerado digno de

ser narrado, revelando formas de amar, sentir e existir que desafiam o apagamento imposto por estruturas raciais e patriarcais. Nesse gesto, a palavra se transforma em um ato ético e estético, capaz de refundar a presença negra no campo literário e provocar deslocamentos na maneira como lemos o mundo e os afetos.

Chamar esse gesto de ético e estético quer dizer reconhecer que, na obra dela, a forma como ela escreve e o que ela quer dizer estão sempre ligados, inseparáveis, tanto no conteúdo quanto na maneira de usar a linguagem. Estético, porque sua escrita mobiliza recursos poéticos singulares, imagens, ritmo, vozes e silêncios, que elaboram a experiência vivida por mulheres negras a partir de uma sensibilidade própria, não normatizada. É ético, porque sua decisão de narrar essas experiências configura um ato de responsabilidade histórica e política, desafiando os processos de silenciamento que atravessam essas subjetividades. A autora escreve como quem assume o compromisso de abrir brechas na linguagem para que outros corpos, memórias e afetos possam ser reconhecidos não como exceções, mas como parte constitutiva da narrativa social e cultural brasileira.

Jovina Souza participa ativamente de diversas feiras literárias, como *a Flip*, *Flica*, *Fliman*, *Fliporto*, *Flipelô*, *Flizé* e *Flisaj*, transformando esses espaços em arenas de debate sobre racismo, representatividade e desigualdade social. Seu discurso é crítico, contundente e provocador, questionando quando o movimento negro pauta-se em análises superficiais ou pouco honestas sobre as condições da população preta no país. Ao enfatizar o termo “pele de cor preta”, a autora evidencia que, embora o IBGE⁴ indique que a população autodeclarada negra represente a maioria dos brasileiros, essa leitura esconde dados significativos: do total de 56% da população que se declarou negra no Censo de 2021, apenas 9% se identificavam como pretos.

Por meio dessa análise, Jovina Souza demonstra como estatísticas e discursos simplificados podem mascarar processos históricos de exclusão, violência e marginalização da população preta, revelando a persistência de estruturas sociais, políticas e culturais que mantêm desigualdades raciais. Sua presença nos eventos literários ultrapassa a divulgação de sua obra: transforma cada debate em uma oportunidade de reflexão crítica sobre racismo estrutural, representatividade e a importância de práticas educacionais que promovam inclusão e equidade. Esse

³ <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou%20raca.html#:~:text=O%20IBGE%20pesquisa%20a%20cor,9%2C1%25%20como%20pretos>. Acesso em: 20 jul. 2025

compromisso com a denúncia, a visibilidade e a transformação social estabelecem um elo direto entre sua atuação literária e seu projeto de engajamento cultural, preparando o terreno para compreender sua produção como um esforço contínuo de restituição simbólica e valorização da experiência negra.

Assim, sua literatura não pode ser vista apenas como produção estética; ela se configura como um projeto de restituição simbólica que dialoga com as dimensões histórica, social e política da negritude. Ao investir na memória coletiva e na valorização da experiência negra, Jovina Souza constrói um lugar de fala essencial na literatura brasileira contemporânea. Sua escrita desafia as formas tradicionais de produção literária e interpela o leitor para uma reflexão crítica sobre a desigualdade, a exclusão e a potência transformadora da palavra. Sua obra não só reforça a importância da literatura como espaço de resistência cultural e política, mas também contribui para a construção de um campo literário mais plural, inclusivo e representativo das diversas experiências que constituem o Brasil.

3 O AMOR NÃO ESTÁ

A literatura negra brasileira tem se afirmado como um espaço indispensável de resistência, reexistência e denúncia frente às diversas formas de opressão histórica que afetaram e continuam a afetar os corpos e os saberes negros. Quando desenvolvida por mulheres negras, essa produção literária ganha ainda mais força política e simbólica, enfrentando não apenas o racismo estrutural, mas também o patriarcado que, ao longo da história, silenciou suas vozes e apagou suas histórias. Essa escrita emerge do corpo e da memória, do trauma e da dor, mas também encontra raiz na luta, no afeto, na ancestralidade e na inteligência coletiva que atravessa gerações. Mais do que registros individuais, trata-se de uma poética que entrelaça dimensões pessoais e políticas, combinando o íntimo e o coletivo, a vivência e a denúncia. Como traz Florentina Souza (2017):

A poesia escrita por mulheres negras na contemporaneidade aborda as experiências pessoais de construir identidades na interseccionalidade de categorias como étnico-raciais, de gênero, de classe, dentre outras. No entanto, não podemos dizer que a temática se restringe a falar da pessoalidade. O diálogo com as tradições africanas e diaspóricas comparece como tema frequente nesta poética. Na tentativa de apontar aspectos da pluralidade desta dicção,

destacamos ainda a preocupação com a história, a religiosidade, a crítica social, o erótico. (Souza, 2017, p. 27)

Dessa forma, a literatura escrita por mulheres negras torna-se um poderoso instrumento de transformação social e cultural. Ela não apenas denuncia as violências históricas e contemporâneas sofridas por esses corpos, mas também celebra suas existências, suas narrativas e suas cosmovisões. Por meio da escrita, essas autoras reconstroem identidades, resgatam memórias silenciadas e propõem novos modos de ver e ser no mundo, desafiando os paradigmas hegemônicos. Assim, essa produção literária assume um caráter político ao promover a valorização da cultura negra, reafirmando a dignidade e a humanidade dessas mulheres em um contexto marcado por exclusão e marginalização.

Dentro das lutas por visibilidade e valorização da literatura negra, *O amor Não Está* (2019), da escritora e poeta baiana Jovina Souza, se destaca como uma obra fundamental da escrita negra contemporânea no Brasil. Composta por 54 poesias, a obra utiliza-se de uma linguagem intensa, visceral e carregada de emoção, que ultrapassa a ideia convencional do amor, mostrando as dores e violências que permeiam esse sentimento dentro de uma sociedade marcada pelo racismo, pelo patriarcado e pelas desigualdades sociais.

Nas poesias de Jovina Souza, o amor se apresenta em múltiplas facetas, indo além do romântico ou erótico. Ele aparece como amor-próprio, na valorização do corpo, da identidade e da existência da mulher negra em um contexto histórico de opressão; como amor fraterno e comunitário, que atravessa laços familiares, ancestrais e coletivos, reforçando a solidariedade e a inteligência compartilhada; e como amor ancestral, que se conecta à memória, à história e à ancestralidade, oferecendo raízes e resistência.

Além disso, o amor em sua obra assume um caráter libertador, rompendo com normas coloniais e patriarcais para criar afetos plurais, éticos e livres, e se manifesta como amor político e social, atuando como instrumento de luta, denúncia e transformação cultural. Também se revela como amor pela vida e pelo corpo, na afirmação da própria existência e da experiência vivida como ato de resistência.

Ao explorar essas diferentes dimensões, Jovina Souza mostra que o amor não é apenas um sentimento individual, mas um campo de disputa simbólica e política. A forma como uma sociedade permite, ou nega, que determinados grupos sejam

amados reflete diretamente suas hierarquias de poder. Sua poesia, assim, transforma o amor em ferramenta de resistência, memória e reexistência, reconfigurando o lugar da mulher negra na narrativa afetiva e propondo modos de amar que incluam, respeitem e escutem.

A leitura de *O Amor Não Está* (2019) revela-se uma experiência profunda e impactante. Cada poema toca de maneira única, revelando diferentes nuances do amor e das relações sociais que o atravessam. A dificuldade em escolher trechos para destacar evidencia a força e a coesão da obra como um todo: nenhum poema parece isolado ou menos significativo; todos juntos formam um mosaico de sentimentos, memórias e denúncias. Essa potência faz com que a leitura da obra ultrapasse o campo da análise acadêmica, aproximando-se de uma experiência vivida, sensível e urgente.

Outro ponto importante a destacar é a dificuldade de acesso ao livro, que está esgotado e difícil de encontrar. Essa realidade traz à tona uma contradição inquietante: embora a obra tenha um conteúdo tão necessário e relevante, ela permanece inacessível para boa parte dos leitores. Isso evidencia a marginalização que a produção literária de mulheres negras ainda enfrenta no mercado editorial brasileiro, o que reforça a necessidade de políticas mais efetivas de circulação e valorização dessas vozes.

Nas poesias de Jovina Souza, são apresentadas diversas facetas do amor: o romântico, o erótico, o amor como prisão, o que machuca e aquele compreendido como uma construção colonial. Essa noção de amor como construção colonial se refere à forma como, ao longo da história, o amor foi moldado por valores impostos durante o processo de colonização.

Ao tratar do amor sob essa perspectiva crítica, Jovina Souza revela como essas estruturas coloniais influenciaram profundamente as relações afetivas de pessoas negras, especialmente das mulheres negras. Historicamente colocadas à margem dos ideais românticos tradicionais, essas mulheres foram associadas a estereótipos que as desumanizam, seja pela hipersexualização, pela figura da mulher forte e resistente ou pela ideia da mulher negra como objeto de trabalho e não de afeto. Esses estigmas, herdados da lógica colonial, seguem operando de maneira sutil e contínua nas práticas sociais e afetivas contemporâneas, pois,

[a]pesar de parecer que as escolhas afetivas estão circunscritas à vida privada, indubitavelmente é impossível negar que o regime escravocrata, que durou quase quatro séculos (e nele compreendem-se anos de torturas, humilhações e violências de toda ordem), não tenha afetado a nossa percepção do que é virtuoso, belo e digno de amor [...] Nesse contexto, as mulheres negras sofrem mais discriminação, desvalorização e solidão afetiva. (Santos; Moura; Silva e Avelar, 2023, p. 199)

Essa reflexão evidencia que o amor não é uma experiência neutra, mas profundamente marcada por um passado de violência, apagamento e controle simbólico. As mulheres negras, em particular, carregam as cicatrizes dessas opressões nas suas formas de sentir, de se relacionar e de amar, muitas vezes, encontrando-se isoladas por padrões que historicamente não foram feitos para acolhê-las.

Na poesia de Jovina Souza, o ato de nomear essas dores, feridas, desejos e afetos que escapam às normas coloniais transforma-se em uma forma potente de resistência. Sua obra não apenas denuncia o peso dessas heranças coloniais, mas também propõe formas de amar que rompem com essas imposições, abrindo espaço para afetos mais livres, plurais e enraizados na experiência e na liberdade dos corpos negros. Assim, o amor, em sua poesia, deixa de ser apenas um sentimento individual e se torna também um campo de disputa simbólica e política, onde se questiona normas, se resgata memórias e se imaginam novas possibilidades de existência.

Um dos aspectos mais marcantes em sua escrita é a crítica à idealização do amor, ao evidenciar como ele pode operar como um dispositivo de opressão, especialmente para mulheres negras, historicamente silenciadas em suas subjetividades. Essa crítica, feita pela via poética, constitui também um gesto político de autorrepresentação, ou seja, a possibilidade de a mulher negra narrar sua própria experiência a partir de sua perspectiva, rompendo com os estereótipos impostos por discursos hegemônicos. Auto representar-se é reivindicar o direito de ser sujeito de sua própria história, de expressar suas dores, afetos, desejos e formas de amar com autonomia e complexidade. Nesse sentido, a poesia se torna um espaço de resistência e reconstrução identitária, em que a mulher negra recusa os papéis que lhe foram impostos e afirma outras formas de existir e de se relacionar consigo e com o mundo. Ao reescrever o amor por meio da palavra, ela também reescreve a si mesma, não como objeto da narrativa alheia, mas como voz ativa de sua própria existência.

Essa prática de autorrepresentação literária, ao desafiar os discursos hegemônicos que historicamente negaram às mulheres negras o direito à expressão plena de suas subjetividades, revela também o quanto os próprios critérios de legitimação literária são excludentes. Nesse contexto, as reflexões de Regina Dalcastagnè (2007) ajudam a evidenciar como o conceito tradicional de literatura foi construído para silenciar determinadas vozes e formas de expressão. Ao discutir a produção de autoria marginalizada, ela afirma:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de 'literatura' exclui suas formas de expressão. (Dalcastagnè, 2007, p. 21)

A poesia de Jovina Souza, portanto, ao tensionar temas como a ausência de afeto, o abandono e o amor não correspondidos, não apenas revela as feridas afetivas provocadas pelas estruturas racistas e patriarcais, como também afirma a escrita como possibilidade de reconstrução e dignificação da experiência vivida. A crítica ao amor idealizado transforma-se, assim, em uma forma de resistência, na qual a palavra poética opera como denúncia, memória e reexistência.

Mas essa resistência não se dá apenas pelo conteúdo temático, e sim também pela linguagem utilizada. Jovina Souza constrói imagens poéticas que, em diferentes momentos, assumem funções variadas: ora denunciam, ao expor as injustiças, dores e violências sofridas por mulheres negras; ora questionam, ao desafiar as normas sociais, culturais e afetivas que restringem e invisibilizam essas experiências; e ora se retraem ao criar espaços de silêncio, pausa ou sutileza, onde o não dito também ganha força, permitindo que a emoção, a memória e o afeto possam emergir de forma delicada e poderosa.

Essa dinâmica linguística torna sua poesia um território complexo e sensível, capaz de representar a pluralidade das vivências negras, resistindo tanto à violência explícita quanto às formas mais sutis de opressão simbólica. Assim, a linguagem poética de Jovina Souza não somente relata uma realidade, mas cria uma experiência estética e ética que convida o leitor a se engajar emocionalmente e a repensar suas próprias percepções sobre o amor, a dor e a existência negra.

A mulher negra que fala em seus versos não está mais solicitando para ser olhada: ela está apontando a ausência do olhar, está nomeando a ferida, está dizendo que o amor, como é construído socialmente, também pode ser um mecanismo de exclusão. Ao mesmo tempo, ela escreve para não sucumbir, escreve para registrar, escreve para sobreviver como tantas outras mulheres negras têm feito, historicamente, na literatura, na oralidade e no cotidiano.

Assim, ao abordar não apenas a solidão amorosa, mas também a ressignificação desse amor, Jovina Souza não se limita a expor a dor; ela reconfigura o lugar da mulher negra na narrativa amorosa. Suas poesias recusam saídas fáceis ou soluções imediatas, preferindo escavar as múltiplas camadas do silêncio, das frustrações e dos desejos negados, revelando haver uma dimensão política intrínseca aos afetos. A maneira como uma sociedade permite, ou nega, que determinados grupos sejam amados reflete profundamente seus valores e suas hierarquias de poder. E é justamente essa realidade que a obra de Jovina Souza expõe: a solidão da mulher negra não é uma condição natural ou individual, mas uma construção histórica que pode, sim, ser desmontada e transformada por meio da palavra.

Dessa forma, a literatura produzida por mulheres negras, como a de Jovina Souza, é uma das formas mais urgentes e potentes de enfrentar a desumanização afetiva. É na escrita que muitas dessas mulheres encontram não apenas um lugar de expressão, mas também um espaço de elaboração das suas dores, de reafirmação das suas existências e de construção de outros modos de amar, modos que incluam, que respeitem, que escutem e que permaneçam.

4 A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

Ao abordar a solidão da mulher negra, é imprescindível compreender que ela não se manifesta de forma única, mas atravessa diversas dimensões da vida. Trata-se de uma solidão expressa nos afetos, nas relações sociais, no ambiente familiar, no campo profissional, acadêmico e sobretudo, na ausência de representações positivas nos espaços culturais e simbólicos. É uma experiência complexa, estruturada a partir das intersecções entre racismo, sexismo e classismo, que historicamente colocam a mulher negra em posições de invisibilidade, sobrecarga e exclusão.

No Brasil, essa solidão tem sido cada vez mais discutida a partir de perspectivas que cruzam a teoria com a vivência. Conceitos como o de “solidão afetiva

da mulher negra” ou “solidão da mulher negra” não dizem respeito apenas à ausência de um par romântico, mas à negação sistemática do afeto, da escuta, da escolha e da permanência. A afetividade e sexualidade, nesse sentido, é também um campo de disputa política.

Segundo Patricia Hill Collins (2019), as mulheres negras, por estarem situadas na interseção de opressões como raça, gênero e classe, são frequentemente empurradas para as margens tanto no espaço público quanto nas relações afetivas privadas. Esse processo envolve não só o silenciamento político, mas também o abandono emocional. Collins observa que, nesse contexto, muitas pessoas aprendem a “amar pequeno”, ou seja, a restringir o amor a certos grupos considerados mais dignos ou aceitáveis, o que enfraquece o poder transformador dos laços afetivos. Como ela afirma:

Quando as pessoas “se protegem e amam pequeno”, considerando certos grupos mais merecedores de amor que outros, fontes potenciais de poder como energia que flui dos relacionamentos afetivos são atenuadas. Quando, porém, as pessoas rejeitam o mundo oferecido pelas opressões interseccionais, o poder como energia que flui dos diferentes relacionamentos afetivos se torna possível. (Collins, 2019, p. 289).

Assim, ao desafiar essas estruturas opressivas, e ao construir relações baseadas no cuidado, na empatia e no reconhecimento mútuo, as mulheres negras criam espaços de fortalecimento e resistência. O afeto, portanto, deixa de ser um privilégio seletivo e passa a ser compreendido como uma forma de poder e sobrevivência que impulsiona novas possibilidades de existência e transformação social.

Essa solidão é, portanto, institucionalizada. Ela começa ainda na infância, quando a menina negra percebe que seus traços são depreciados, que suas narrativas são ausentes nos livros e que sua presença é muitas vezes associada à força e à resistência, mas raramente à delicadeza, ao afeto ou ao amor. A mulher negra é, muitas vezes, reduzida à imagem de alguém que precisa suportar tudo sem demonstrar fragilidade. Essa ideia da “fortaleza inabalável” foi construída ao longo da história como uma forma de justificar a exploração emocional, física e simbólica a que essas mulheres são submetidas. Ao colocá-la nesse lugar, a sociedade silencia suas dores e invisibiliza suas necessidades emocionais e afetivas. Essa representação não reconhece que ser forte o tempo inteiro não é escolha, mas imposição.

Como destaca Djamila Ribeiro (2018), a mulher negra é frequentemente representada como alguém que precisa aguentar tudo, carregando historicamente o estigma da fortaleza inabalável, uma imagem que, longe de ser um elogio à sua resistência, opera como um mecanismo de apagamento de suas necessidades emocionais e afetivas. Essa construção simbólica, embora aparente reconhecer força, impõe uma carga desumana, por desautorizar a fragilidade, o cansaço e a dor dessas mulheres. Segundo a autora:

[...] a construção da mulher negra como inerentemente forte é desumana. Somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada nem guerreira natural: humana. (Ribeiro, 2018, p. 14)

Essa reflexão convida à desconstrução de uma lógica que transforma a resistência em obrigação e silencia o sofrimento em nome da sobrevivência. Ao colocar a mulher negra nesse lugar de resistência constante, nega-se a ela o direito à vulnerabilidade, condição essencial da experiência humana. O reconhecimento das fragilidades não significa fraqueza, mas, como afirma Ribeiro, um passo importante para a restauração das humanidades negadas. Trata-se de uma luta por dignidade e por espaço para o afeto, o cuidado e a escuta, elementos fundamentais para que essas mulheres possam existir para além da dor e da função de suporte alheio. Ao desafiar o mito da fortaleza, abre-se caminho para outras possibilidades de existência, mais justas, inteiras e afetivamente livres.

Desde cedo, meninas negras são ensinadas, de forma direta ou implícita, que não podem demonstrar fragilidade, tristeza ou carência, pois essas emoções são vistas como incompatíveis com a imagem social construída em torno de seus corpos. Como afirma bell hooks (2000), o amor é um aprendizado, e ele precisa ser cultivado desde a infância. No entanto, o amor, enquanto cuidado, escuta e acolhimento, raramente é uma experiência oferecida às crianças negras da mesma forma que às crianças brancas. Em vez disso, espera-se que sejam fortes, silenciosas e resilientes diante das dores do mundo.

Essa ausência de afeto desde a infância compromete a construção da autoestima e da confiança emocional, marcando profundamente a forma como essas mulheres irão se relacionar afetivamente na vida adulta. Grada Kilomba (2019) afirma:

[...] no mundo conceitual branco é como se o inconsciente coletivo das pessoas negras fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da negritude às quais somos confrontadas/os não são nada realistas, tampouco gratificantes. Que alienação, ser-se forçada/o a identificar-se com os heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos, que aparecem como negros. Que decepção, ser-se forçada/o a olhar para nós mesmas/os como se estivéssemos no lugar delas/es. Que dor, estar presa/o nessa ordem colonial. (Kilomba, 2019, p. 39)

Nessa perspectiva, Kilomba (2019) evidencia que o racismo não é apenas um sistema externo de exclusão, mas um dispositivo subjetivo e cotidiano que violenta psicologicamente desde a infância. A ausência de imagens positivas da negritude, somada à imposição de modelos idealizados de branquitude, gera um processo de autoalienação afetiva no qual meninas negras crescem sem se reconhecerem nas representações sociais e midiáticas, sendo levadas a rejeitar inconscientemente a própria imagem e a própria história. Essa negação de si compromete a formação da identidade e dificulta a criação de vínculos seguros na vida adulta, pois há uma ferida de base, uma lacuna de reconhecimento, que interfere no modo como essas mulheres se percebem dignas de amor, desejo e cuidado.

A ordem colonial, como diz Kilomba (2019), não é uma herança do passado, mas uma estrutura simbólica e emocional que persiste, configurando relações sociais e afetivas. Estar “presa/o” nessa ordem significa viver sob o peso constante de uma representação distorcida, internalizando a ideia de que o afeto, o pertencimento e o valor são privilégios do outro, do branco, e não um direito seu. Dessa forma, a violência racial atravessa o corpo e a subjetividade de maneira profunda, desafiando as mulheres negras a construir amor-próprio e relações afetivas saudáveis em um mundo que insiste em negá-las como sujeitos do amor e da escolha.

A falta de representatividade positiva nos espaços escolares e culturais reforça esse processo. A menina negra raramente se vê nas histórias que lê, nos desenhos que assiste ou nas princesas que são celebradas. A ausência de espelhos simbólicos contribui para que ela cresça acreditando que não é digna de amor, de cuidado, de beleza ou de centralidade. Essa exclusão simbólica não é menos violenta do que a física: ela mina o imaginário e limita os horizontes de existência.

Além da esfera afetiva, a solidão da mulher negra se estende a outros campos fundamentais da vida em sociedade. No ambiente familiar, muitas vezes, ela ocupa o

lugar da que cuida de todos, mas é pouco cuidada. O estereótipo da mulher forte herdado da figura da "mãe preta", da empregada doméstica e da matriarca solitária ainda hoje recai sobre mulheres negras, que acumulam responsabilidades sem o devido suporte emocional. Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, o censo realizado pelo IBGE em 2020, o Brasil possui mais de 11,4 milhões de famílias chefiadas por mães solo, sendo que, dessas, cerca de 90% são compostas por mulheres negras.

Esse dado revela não apenas a centralidade da mulher negra na sustentação familiar, mas também escancara as camadas de desigualdade social e racial que atravessam suas trajetórias. Historicamente marginalizadas, essas mulheres enfrentam jornadas duplas ou triplas de trabalho, além da ausência de políticas públicas eficazes que garantam suporte material e emocional. A maternidade solo, quando racializada, denuncia as estruturas patriarcais e racistas ainda vigentes na sociedade brasileira.

No âmbito profissional, a solidão da mulher negra manifesta-se pela invisibilidade e pelas dificuldades estruturais que impedem sua plena participação e reconhecimento. Mesmo diante da qualificação e do empenho, ela frequentemente se depara com barreiras institucionais que limitam seu acesso a posições de liderança e a espaços de decisão. Esse cenário impõe a necessidade de uma constante demonstração de competência, tornando seu percurso marcado pela exaustão e pelo desafio de afirmar sua presença em ambientes historicamente excludentes. Sueli Carneiro (2003) destaca que essa solidão também reside no plano simbólico, configurando-se como o sentimento profundo de não pertencimento a espaços que deveriam ser de inclusão, mas que continuam fechados ao corpo negro, especialmente ao feminino.

A ausência de representatividade e de imagens positivas que retratem a mulher negra em sua pluralidade reforça essa experiência de exclusão. Tal lacuna compromete a construção da identidade e da autoestima desde a infância, interferindo na maneira como essas mulheres percebem seu lugar na sociedade e em suas próprias trajetórias de vida. O reconhecimento dessa solidão é, portanto, fundamental para compreender os desafios específicos enfrentados por mulheres negras, bem como para buscar caminhos que promovam sua valorização e a transformação das estruturas sociais que sustentam essas desigualdades.

Essa solidão, longe de ser um mero estado passageiro, aprisiona o corpo e a alma da mulher negra. É a ausência gritante de pertencimento que ecoa nas ausências de reconhecimento, de oportunidades, de representatividade, e que desafia diariamente sua existência. Romper com essa solidão é um ato de resistência, um passo necessário para que a mulher negra possa ocupar os espaços que sempre lhe foram negados, reconstruir sua identidade e reivindicar sua dignidade plena. Reconhecer essa luta é mais do que um chamado à empatia: é um imperativo para a transformação profunda de uma sociedade que ainda insiste em invisibilizar e excluir aquelas que deveriam ser protagonistas de sua própria história.

4.1 ENTRE LINHAS E LAMENTOS: A SOLIDÃO NA POESIA DE JOVINA SOUZA

A escrita constitui-se como uma ferramenta poderosa de expressão, capaz de transcender fronteiras, memórias e afetos. As palavras possibilitam dar forma tanto às dores quanto aos amores que permeiam a complexa experiência humana, com especial destaque para as vivências de mulheres negras. Historicamente relegadas ao silêncio, muitas dessas mulheres têm encontrado na literatura um território de resistência, acolhimento e cura, onde podem narrar suas trajetórias, denunciar injustiças e afirmar a legitimidade de sua existência.

Nesse cenário, sentimentos como a solidão assumem dimensões marcadamente profundas e variadas, sendo frequentemente explorados em produções poéticas. A solidão expressada por essas vozes não se limita ao isolamento físico ou temporário; ao contrário, trata-se de uma condição estrutural, enraizada em experiências de exclusão afetiva, racismo e opressão de gênero. Longe de ser apenas uma questão de estar só, corresponde a um processo de negação do reconhecimento do sujeito como merecedor de afeto.

Nas poesias do livro *O Amor Não Está* (2019), de Jovina Souza, a solidão da mulher negra emerge como um dos temas recorrentes, permeando os versos com intensidade ao mesmo tempo que preserva uma notável delicadeza. Essa solidão, longe de se tratar de um vazio comum ou simplista, adquire profundidade e complexidades múltiplas. Ela denuncia ausências afetivas, silenciamentos históricos, bem como a persistente dificuldade de ser plenamente vista e reconhecida em sua integralidade. Jovina Souza transforma essa vivência em poesia, conferindo-lhe tanto uma dimensão estética quanto política.

Uma das poesias da obra, intitulado “*Aconteceu Assim*”, revela uma das manifestações mais pungentes dessa solidão: aquela que se instala no interior das relações afetivas. Trata-se de uma solidão compartilhada, onde a presença física do outro não assegura a construção de vínculos profundos, nem propicia escuta ou reciprocidade. Por meio da voz poética, emerge uma entrega total que, mesmo assim, se mostra insuficiente para superar o abismo emocional que separa os dois. A ausência de reciprocidade evidencia a dor de amar sem ser correspondida em igual medida, revelando uma vivência marcada pela carência de reconhecimento e pela sobrecarga emocional. Essa sobrecarga se manifesta quando o indivíduo acumula sentimentos de tristeza, frustração e desgaste emocional causados pela falta de retorno afetivo, exigindo um esforço contínuo para sustentar a relação mesmo diante do vazio emocional. Essa tensão constante gera um esgotamento interno que ultrapassa o âmbito dos sentimentos, afetando o equilíbrio psicológico e a saúde mental, tornando a experiência amorosa um fardo difícil de suportar.

Nesse contexto, a solidão não se origina da falta do outro, mas da presença do outro que não se traduz em cuidado, atenção ou resposta genuína. Trata-se da solidão de quem ama sozinha e, apesar disso, persiste:

Ele me chegou misterioso.
 Sem alarde, queria tudo.
 Eu estava sempre em dívida.
 Dei-lhe meu corpo e minha alma.
 Não bastava. Tudo era pouco.
 [...]
 Sofri de taquicardia, de suor nas mãos
 e de muita saudade.
 Entre o gozo dos anjos no corpo
 e as dúvidas que desesperam,
 segui minha aventura lírica:
 ornada com muitos pedidos,
 incertezas e sobressaltos.
 Quando eu o chamava de amor
 não respondia, calava-se.
 (Souza, 2019, p.14)

A poesia de Jovina Souza, ao abordar a solidão afetiva, transcende a mera expressão de uma experiência pessoal e desvela um fenômeno com implicações socioculturais significativas. Expondo com delicadeza e intensidade a experiência de uma solidão afetiva marcada pela ausência de reciprocidade em um amor desequilibrado. O sujeito poético é surpreendido por um “ele” que chega “misterioso”

e “sem alarde”, mas que já “queria tudo”, uma entrega total que a narradora tenta corresponder, oferecendo seu corpo e alma, ainda assim sentindo-se “sempre em dívida”. Esse sentimento de insuficiência e desgaste revela um amor que não nutre, mas que exige continuamente, refletindo a dinâmica, muitas vezes, desigual das relações em que a mulher negra se encontra.

Nesse sentido, a solidão não é apenas resultado da ausência do outro, mas também da presença que não se traduz em cuidado, atenção ou reconhecimento o que torna a relação um espaço de silenciamento e desgaste. Como discute bell hooks (2021, p. 36) a experiência do amor é "uma combinação de cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade e respeito", o que nos revela que este sentimento vai além do simples ato de cuidar. Quando esses elementos estão ausentes, mesmo a convivência mais frequente pode se tornar insuportavelmente solitária. É nesse vazio afetivo, travestido de presença, que se produz uma solidão ainda mais profunda: aquela que surge do não reconhecimento da subjetividade do outro, da ausência de escuta e da negação do afeto enquanto prática cotidiana. Amar, portanto, não é apenas estar junto, mas se comprometer de forma ética com o bem-estar emocional e com a construção mútua de vínculos que não silenciem, mas que acolham.

Dessa forma, amar constitui um ato de resistência revolucionária, especialmente em contextos permeados por opressões interseccionais, como o racismo e o sexismo, que historicamente têm negado às mulheres negras a possibilidade de amar e serem amadas de maneira plena. É justamente a carência dessa justiça afetiva que o poema aborda com sutileza e profundidade. A narrativa revela a entrega unilateral da personagem, caracterizada por um amor que exige tudo, mas não devolve cuidado nem reconhecimento, expondo uma relação emocional marcada pela assimetria, na qual a mulher se vê presa em um ciclo de desgaste, dívida e silêncio.

Nesse cenário, a solidão não é apenas a ausência do outro, mas também a ausência de uma presença verdadeira. Trata-se de um amor que não escuta, não retribui e transforma a intimidade em fonte de dor. Ao evidenciar essa realidade, Jovina Souza inscreve em sua poesia uma crítica incisiva às dinâmicas desiguais de amor que ainda existem, sobretudo nas vivências afetivas das mulheres negras. Sua escrita, assim como a reflexão proposta por hooks (2021), convida o leitor a

reconsiderar o amor não como privilégio ou ideal romântico, mas como uma prática política fundamentada em responsabilidade, equidade e, acima de tudo, humanidade.

O poema “*Caminho do Negro Preto*”, reflete poeticamente essa complexa tensão vivida pela população negra brasileira, especialmente pelas mulheres, ao apresentar um percurso marcado por “ausências infindas” e “falsas irmandades”. A obra destaca as dificuldades impostas pelo racismo estrutural e a histórica negação do afeto e do pertencimento, traduzidas na espera por um “encontro” que ainda não se concretizou um símbolo da justiça social e do reconhecimento negados. A recorrência dos termos “corações cansados” e “há muito des-amados” revela o desgaste afetivo causado pelas injustiças e pela marginalização, evidenciando o impacto emocional dessas vivências.

Retirantes apressados, os afagos se vão
ou são distantes, negados.
Espera-se, na mesa, pela comemoração
com a justiça, com o vinho e com as palmas.
Esse encontro, ainda não realizado,
quebra corações já cansados
e há muito des-amados,

nesse percurso de ausências infindas,
inimigos históricos e falsas irmandades.
(Souza, 2019, p.22)

Silvio Almeida (2020) aponta que o racismo estrutural é um sistema que, mais do que excluir economicamente, afeta profundamente as relações sociais e subjetivas, configurando uma negação constante do reconhecimento e da dignidade dos corpos negros. Essa dinâmica cria condições em que o afeto e o pertencimento são não apenas negados, mas também tornam-se territórios de luta e resistência.

Nesse sentido, o poema de Jovina Souza evidencia essa tensão entre exclusão e resistência afetiva. Os “corações cansados” e os “afagos negados” são a expressão da dor e do desgaste emocional impostos pelo racismo estrutural, mas a insistência na espera por um “encontro” com a justiça e o afeto revela uma força vital que recusa o silenciamento e aposta na reconstrução dos vínculos e da dignidade. A poesia torna-se, assim, um espaço onde o sofrimento é reconhecido, mas também onde a esperança e a luta se reafirmam.

Na sequência desse percurso afetivo, o poema “*Espera*” aborda uma dimensão sensível e intensa da experiência emocional: a solidão causada pela ausência e pelo desejo não concretizado. Na busca pelas mãos do outro através das ruas e memórias,

emerge um vazio que não encontra resposta tangível, mas que continua em uma espera indefinida, cheia de incertezas sobre a natureza do sentimento se é algo santificado ou demoníaco. Essa ambivalência reflete a complexidade dos laços afetivos que se desfazem e deixam marcas de saudade e vulnerabilidade.

Saio à rua, procurando tuas mãos.
 Nas memórias de tempos
 e fatos,
 só as sombras nas vitrines
 e mais saudades de ti.
 Nada me diz se é santo
 ou diabo o que sinto
 e me faz viver nessa espera.
 (Souza, 2019, p. 71)

A metáfora das “sombras nas vitrines”, presente neste poema, revela a frustração de buscar um afeto que nunca se concretiza. O eu lírico anda pela cidade tentando encontrar vestígios de uma presença que se perdeu, mas o que encontra são apenas silhuetas, ecos do que poderia ter sido. Essa sensação de ausência constante pode ser entendida a partir do conceito de invisibilidade estrutural. Nesse contexto, as “sombras” representam como os corpos negros, especialmente os de mulheres negras, são apagados das narrativas afetivas. Há uma dificuldade coletiva em reconhecer essas mulheres como dignas de amor, cuidado e presença plena. Mesmo quando elas existem, participam, desejam, acabam relegadas ao plano do quase, do não dito, do passageiro.

Esse apagamento é reforçado pelo que a pesquisadora Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) descreve:

A mulher negra e mestiça estariam fora do ‘mercado afetivo’ e naturalizada no ‘mercado do sexo’, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e ‘escravizado’; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável. (Pacheco, p, 25.)

Portanto, a imagem poética não só destaca a solidão pessoal, mas também demonstra que essa solidão decorre de estruturas sociais que perpetuam a falta de amor direcionado às mulheres negras. A urbe, com suas janelas refletindo silhuetas, transforma-se em um ícone simbólico de um esquema que se recusa a vê-las quando o tema é afeto, um silêncio que só pode ser quebrado pela exposição desses

processos de exclusão e pela reivindicação do direito dessas mulheres de ocuparem plenamente os locais de amor.

Dando seguimento, no poema “*Tempo Presente*”, a solidão expressa no poema ultrapassa o mero sentimento de estar só e se configura como uma experiência existencial marcada pela ausência de afeto e pela invisibilidade social. Essa solidão é descrita como uma condição quase impossível de ser nomeada, um vazio que corrói tanto o corpo quanto o coração, representando a dor silenciosa que acompanha a negritude diante das estruturas racistas e excludentes.

Espero que venha uma ventania de afagos
e retire a faca dos corações desprezados
dos corpos arriados,
moribundos nessa solidão inefável
entre o céu sem estrelas e o “eu te amo”
nas palavras.
(Souza, 2019, p. 40)

O poema denuncia uma dor coletiva e silenciada, simbolizada pela “faca nos corações desprezados” e pelos “corpos arriados”, marcados por um sofrimento que não é apenas emocional, mas também histórico, racial e estrutural. Essa “solidão inefável”, como escreve a autora, remete diretamente à condição da mulher negra na sociedade. Em “*As mulheres negras na construção de uma nova utopia*”, Angela Davis (2011) ressalta a importância de refletir sobre como as opressões se interconectam e se entrelaçam:

[...] raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (Davis, 2011, s.p.)

Nesse sentido, a faca cravada nos corações e os corpos tombados do poema podem ser lidos como alegorias da violência interseccional que marca a história da mulher negra, uma violência simbólica, afetiva, sexual. A solidão evocada nos versos é consequência de uma sociedade que falha em oferecer amor, escuta e cuidado às mulheres negras, relegando-as a uma existência à margem do afeto socialmente reconhecido. Davis (2011) aponta, ainda, que, durante e após a escravidão, a mulher negra foi vista prioritariamente como força de trabalho, antes de ser reconhecida como mulher, mãe ou sujeito digno de amor. Essa condição desumanizante reverbera até hoje nas estruturas que sustentam o “céu sem estrelas” das relações sociais que

negam o “eu te amo” como um gesto verdadeiro. O poema ecoa esse silenciamento emocional, quando menciona a ausência de um “eu te amo” real, substituído por palavras ocas. A expectativa por uma “ventania de afagos” expressa um anseio por cuidado, por ternura, por algo que, historicamente, foi negado às mulheres negras.

Nas poesias ecoam esse silenciamento emocional, quando menciona a ausência de um amor que realmente acolha e reconheça a mulher negra em sua plenitude, e denuncia a ferida profunda causada por uma sociedade que ainda resiste a romper com seus legados opressores.

Nesse contexto, é fundamental destacar a importância da escrita contemporânea negra como um espaço de resistência e reexistência. Autoras e autores negros vêm construindo narrativas que não apenas dão voz às suas vivências historicamente marginalizadas, mas também criam territórios simbólicos de cura, reafirmação e transformação social. Segundo Conceição Evaristo, em entrevista ao jornal Estado de Minas, em 2004 “a literatura produzida pelas escritoras negras assume um procedimento literário que funciona, muitas vezes, como assunção do que ficou recalcado e silenciado pela História” (Evaristo apud Fonseca, 2020, p. 60-61).

Além disso, a escrita poética de mulheres negras contemporâneas, como Jovina Souza, cumpre uma função política essencial ao desafiar as estruturas excludentes do racismo e do sexismo, oferecendo uma crítica contundente às desigualdades afetivas e sociais que marcam suas vidas. Como argumenta Djamila Ribeiro (2017), essa produção literária representa uma insurgência contra a invisibilidade, um ato de protagonismo que reafirma a dignidade, o direito ao afeto e à subjetividade plena das mulheres negras.

Portanto, a poesia de Jovina Souza não apenas revela as expressões da solidão vivida pela mulher negra, mas também se coloca como um instrumento para a reconstrução de vínculos afetivos e sociais mais justos e humanos. Através de suas palavras, ela convida o leitor a reconhecer e validar experiências que a sociedade insiste em apagar, contribuindo para a formação de um imaginário mais plural e inclusivo.

Em suma, a escrita contemporânea negra, ao trazer à luz as nuances da solidão, do amor e da resistência, reafirma a potência da palavra como um espaço de luta e libertação. Ela nos lembra que a poesia, para além de uma expressão estética, é um instrumento político, capaz de transformar as relações humanas e as estruturas sociais, propondo novos caminhos para o reconhecimento, a solidariedade e a justiça.

5 RESSIGNIFICAÇÕES DO AMOR

A ausência do amor não apaga o desejo de amar. Para muitas mulheres negras, a solidão afetiva é um dado estruturante de suas experiências subjetivas e relacionais, mas não um destino. A partir das dores, das lacunas e dos silêncios, emerge também a possibilidade de reconstruir sentidos, afetos e modos de existência que não se subordinem aos padrões hegemônicos de amor e feminilidade. Ressignificar o amor, nesse contexto, é um gesto de resistência e afirmação.

A solidão da mulher negra é mais do que uma experiência individual; ela é o reflexo de uma estrutura social marcada por estigmas raciais, sexistas e estéticos que atravessam sua subjetividade desde a infância. Em vez de ser vista como sujeito de amor e cuidado, a mulher negra é historicamente posicionada à margem do ideal afetivo. Conforme mostra o estudo de Santos *et al.* (2023), quanto mais características africanas uma mulher apresenta, menos amor e mais solidão ela vivência “Quanto mais característica africana, menos amor, menos possibilidade de casamento, menos afeto e mais experiências com o racismo.” (Santos *et al.*, 2023, p. 198).

Essa constatação, baseada nas narrativas reais de mulheres negras, escancara como os marcadores raciais e estéticos ainda definem quem é ou não digno de afeto na sociedade brasileira. A solidão, portanto, é um dispositivo político: uma consequência direta da racialização dos afetos, da construção de padrões de beleza eurocentrados e da ausência de políticas de reconhecimento e valorização da identidade negra. O amor, nesse contexto, não é neutro; ele tem cor, tem classe, tem gênero, e é negado às mulheres negras como parte de um projeto colonial que ainda persiste nas estruturas simbólicas e sociais do presente.

Nesse sentido, a solidão não é apenas ausência de companhia, mas ausência de escuta, de validação e de reconhecimento enquanto sujeito que sente e que ama. Ainda assim, é justamente a partir dessa condição que muitas mulheres negras constroem uma outra possibilidade de amar: um amor que não depende da validação masculina, nem da presença do outro, mas que nasce de dentro, da reconexão com o próprio corpo, com a memória ancestral e com a comunidade.

Para bell hooks (2021), o amor verdadeiro não pode existir sem justiça. A autora argumenta que amar é um ato político, que exige consciência, compromisso e ética relacional. No contexto da mulher negra, essa ética inclui o rompimento com as lógicas de autossacrifício, de romantização da dor e de tolerância à ausência afetiva. Amar-

se e amar o outro, nesses termos, torna-se um exercício de libertação. O autossacrifício, nesse cenário, refere-se à prática recorrente de colocar as necessidades, desejos e sentimentos do outro acima dos seus próprios, muitas vezes, em nome do amor, da família ou da manutenção de uma relação. É um comportamento enraizado em construções históricas que associam a mulher negra à força incondicional, à resiliência absoluta e à ideia de que ela deve suportar tudo, inclusive o descaso e a ausência de afeto, sem reclamar.

Romper com essa lógica é reconhecer que o cuidado não pode ser unilateral, que o amor não deve ser sustentado à custa do próprio bem-estar, e que merece afeto, atenção e reciprocidade, é um direito, não uma exceção. Trata-se, portanto, de reivindicar uma forma de amar que seja justa, equilibrada e que não reproduza os padrões de exploração emocional que atravessam a história da mulher negra.

Na poética de autoras como Jovina Souza, essa libertação se expressa por meio de uma escrita que nomeia a falta, mas que também constrói espaços de autonomia emocional. Mesmo quando o outro não responde, mesmo quando o amor “não está”, como sugere o título de sua obra, há ainda o gesto de continuar a existir, de escrever, de se afirmar. A ausência, então, não paralisa: ela convoca à reexistência.

Audre Lorde (2019) ressignifica o amor e o desejo como fontes de força interna. Para ela, acessar o erótico não apenas no sentido sexual, mas como energia criativa e vital é um modo de se reconectar com o prazer, a completude e a potência. Em uma sociedade que ensina mulheres negras a sobreviverem, resgatar o direito ao prazer é, também, uma forma de amor revolucionário. Como ela afirma:

O erótico é uma dimensão entre as origens da nossa autoconsciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos. É um sentimento íntimo de satisfação, e, uma vez que o experimentamos, sabemos que é possível almejá-lo. Uma vez que experimentamos a plenitude dessa profundidade de sentimento e reconhecemos o seu poder, em nome de nossa honra e de nosso respeito próprio, esse é o mínimo que podemos exigir de nós mesmas. (Lorde, 2019, p. 67).

Essa dimensão erótica, compreendida como poder, possibilita uma reconstrução subjetiva capaz de romper com lógicas de dominação que historicamente negam o sentir às mulheres negras. Ao reivindicar o erótico como forma de conhecimento e força vital, Lorde (2019) propõe uma prática de libertação

que começa no corpo e se estende à vida cotidiana, transformando o prazer em ferramenta política e existencial.

Essa reconexão afetiva frequentemente envolve um profundo processo de reconstrução subjetiva, que passa pelo autoconhecimento, pelo autocuidado e pela cura de feridas causadas por relações desequilibradas. Djamila Ribeiro (2018) destaca que compreender a solidão da mulher negra exige reconhecer que ela não resulta de escolhas individuais, mas está enraizada em estruturas históricas e sociais que precisam ser enfrentadas, inclusive nas dinâmicas afetivas e familiares.

Nesse sentido, a autora problematiza a suposta neutralidade dos afetos, uma neutralidade que se apresenta como natural e legítima, mas que, na realidade, está permeada por preconceitos e exclusões. Diante disso, Ribeiro (2018) nos convida a refletir:

Qual é a “mulher ideal”? Quantas de nós foram preteridas pelo simples fato de ser negras? Como falar em gosto pessoal quando a esmagadora maioria pretere mulheres negras? Como falar em escolha do indivíduo quando essas escolhas não nos escolhem? (Ribeiro 2018)

Ao revelar a dimensão política do amor e do desejo, Djamila Ribeiro denuncia que a solidão vivida por mulheres negras não é uma condição circunstancial ou meramente subjetiva, mas sim uma expressão do racismo estrutural que organiza as relações sociais e afetivas. Portanto, para a mulher negra, a reconstrução de si mesma transcende o âmbito individual da cura: trata-se também de um ato político de resistência contra as estruturas que insistem em negá-la enquanto sujeito digno de amor, cuidado e pertencimento.

Por isso, muitas mulheres negras encontram, na escrita, um espaço simbólico de ressignificação. A poesia, o ensaio e a autobiografia tornam-se lugares nos quais é possível recontar a si mesma de forma não subordinada, afirmando-se como sujeito de desejo, de afeto e de poder. Como traz Audre Lorde (2019), o ato de falar por si, de produzir pensamento e narrativa própria, é essencial para romper com o lugar de silêncio a que as mulheres negras foram historicamente relegadas. Em suas palavras:

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como uma linguagem, depois como ideia, e então como ação tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não

tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias. (Lorde, 2019, p 45)

Ao reconhecer a importância da palavra como instrumento de resistência, Lorde (2019) denuncia o silenciamento estrutural imposto às mulheres negras e afirma a urgência de uma fala autoral, que não apenas reivindica espaço, mas também reconstrói sentidos. Romper com esse silêncio não é apenas um gesto individual, mas um ato político que devolve às mulheres negras o direito de se narrarem a partir de suas próprias experiências, dores e potências.

O amor, quando atravessado pela solidão que marca a vida de muitas mulheres negras, especialmente no Brasil, precisa ser ressignificado fora dos moldes coloniais e patriarcais que o restringem à lógica romântica e heteronormativa. Fora da literatura, ainda que esta seja uma ferramenta fundamental de elaboração simbólica, muitas mulheres negras encontram caminhos práticos e comunitários para reconstruir esse amor em sua forma mais plena.

Essa reconstrução se dá, muitas vezes, nas redes de apoio entre mulheres: espaços onde a escuta é profunda, onde o cuidado é mútuo e onde o afeto circula sem exigências de performance. Em círculos de amizade, grupos de mães solo, coletivos culturais, projetos sociais e práticas religiosas de matriz africana, esse amor se reestrutura como um pacto coletivo de acolhimento e resistência.

Em vez de se conformarem com a ausência, muitas mulheres negras constroem, em seus cotidianos, novas formas de presença e amor, ressignificando a si mesmas longe das idealizações românticas que historicamente as excluíram ou objetificaram. O amor, então, não desaparece ele se reinventa: como amor-próprio, como afeto coletivo, como cuidado entre mulheres, como reaproximação de si.

Essa reinvenção acontece em cozinhas, salões de tranças, terreiros, rodas de conversa, na partilha de dores e de saberes. São nesses espaços cotidianos que mulheres negras constroem vínculos de escuta, afeto e resistência, transformando a dor em potência. Segundo Vilma Piedade (2019), a dor compartilhada entre mulheres negras, marcada pelo racismo, pela solidão afetiva e pela invisibilização, não as paralisa, mas se transforma em *dororidade*:

A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito

que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho, conhecido das mulheres: a Dor – mas, nesse caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. (Piedade, 2019, p 45)

Dessa forma, Vilma Piedade propõe um caminho de reconstrução: o fortalecimento das redes de afeto entre mulheres negras, onde a escuta, a empatia e o reconhecimento da dor coletiva possibilitam o florescimento do amor em sua forma mais íntegra. Nesses laços, o amor não precisa ser provado ou merecida, ele é cuidado, ele é presença. Essa perspectiva desloca o afeto do território da carência e da espera, e o reinscreve no campo do pertencimento, da cura e da legitimidade. Amar-se e amar o outro, nesse contexto, torna-se um gesto de resistência e libertação.

É construir afetos que não reproduzam as hierarquias herdadas do racismo e do patriarcado, mas que afirmem o valor das subjetividades negras em sua inteireza. Amar-se e amar o outro, nesse processo, torna-se um gesto revolucionário, uma forma de resistência que afirma: corpos negros não apenas merecem amor, mas são também capazes de criá-lo em sua forma mais potente, generosa e transformadora.

Assim, redefinir o amor se transforma em um desafio diante das faltas, mas também em um reconhecimento do que está presente. A mulher negra se destaca como um ser que sente, anseia, decide e elabora maneiras válidas de se deixar tocar e impactar. O que antes era visto como ausência e apagamento, agora é visto como um solo fértil que permite gerar novas maneiras de viver, amar e resistir. E é nesse percurso entre o que está em falta e o que é criado que diversas mulheres negras desenvolvem novas expressões de afeto, fundamentadas em sua herança, na comunidade e na bravura de se reencontrar.

De acordo com hooks (1995, p, 1), “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público.” A ausência não decorre de uma incapacidade individual de amar, mas da ação contínua de sistemas de dominação, como o racismo, o sexismo e a herança colonial, que historicamente negaram à mulher negra o direito à vulnerabilidade, ao cuidado e ao reconhecimento emocional. Para a autora, o amor deve ser compreendido como um ato consciente, uma prática ética e política que envolve responsabilidade, compromisso e a disposição de nutrir o crescimento próprio e o de outras pessoas. Ressignificar o amor, portanto, significa romper com a lógica

da repressão afetiva herdada da escravidão e afirmar o afeto como linguagem legítima de resistência e reconstrução subjetiva.

A literatura, enquanto ferramenta simbólica e política, ocupa um lugar fundamental e estratégico nesse processo de afirmação e resistência. Ela não apenas dá voz a experiências frequentemente invisibilizadas pela narrativa dominante, mas também cria espaços de reflexão, empoderamento e transformação social. Nas vozes de autoras como Jovina Souza, por exemplo, emerge uma multiplicidade de sentidos que vão além da simples expressão da dor da exclusão afetiva. Essas vozes revelam uma subjetividade ativa, que desafia o silêncio imposto pela opressão estrutural e resiste à desumanização. Ao escrever, a mulher negra afirma sua existência plena, seu direito à memória, à identidade e à autonomia.

Essa produção literária atua como um gesto político e poético que ressignifica o amor, deslocando-o do lugar da submissão, da espera passiva e da invisibilidade para um território de escolha consciente e de protagonismo afetivo. O amor, nesse sentido, deixa de ser um ideal abstrato e inalcançável para se tornar uma prática concreta de liberdade e de autoconhecimento. A mulher negra que escreve e compartilha sua história cria um espaço onde o amor se torna instrumento de cura para as feridas do racismo e do sexismo, possibilitando a reconstrução do eu e o fortalecimento coletivo.

Ressignificar o amor, portanto, é muito mais do que superar a solidão ou preencher um vazio emocional. Trata-se de um ato radical de reexistência uma afirmação profunda da vida diante da violência simbólica e material. É por meio dessa ressignificação que o afeto ganha potência para transformar realidades, dando origem a novas formas de convivência e de cuidado, que rompem com padrões historicamente excludentes. É nesse movimento que muitas mulheres negras encontram sua voz própria, seu espaço legítimo e sua dignidade, articulando uma linguagem afetiva que rompe com as hierarquias de poder e se propaga como uma experiência de emancipação.

Esse amor reinventado não se restringe à esfera íntima, mas se manifesta também nos corpos, nas palavras e nas práticas cotidianas, desafiando normas e reescrevendo histórias. Ele deixa de ser um privilégio reservado a poucos para se tornar uma linguagem viva, um conhecimento compartilhado e uma forma de resistência. Assim, a literatura produzida por mulheres negras torna-se um terreno

fértil para o florescimento de novas formas de existência e para a construção de um futuro em que o afeto seja entendido como potência de vida, liberdade e justiça social.

5.1 O AMOR COMO ATO DE RESIGNIFICAÇÃO NA VOZ POÉTICA DE JOVINA SOUZA

O amor, enquanto tema literário, transcende as barreiras do tempo e do espaço, mas sua construção simbólica e afetiva está profundamente enraizada nos contextos históricos, culturais e sociais. Nas poesias de Jovina Souza, o amor ultrapassa a esfera da expressão puramente sentimental para se transformar em um campo de resignificação que dialoga diretamente com as vivências da negritude contemporânea. Em meio a processos de exclusão, racismo e desumanização, sua poesia se insere em um território de resistência e afirmação identitária, no qual o amor assume um papel subversivo, redefinindo significados.

Ao escrever o amor a partir da experiência negra, Jovina Souza rompe com a lógica eurocêntrica que, historicamente, marginalizou os corpos negros nos discursos afetivos e nas representações amorosas. Como aponta bell hooks (2021), o amor, em sociedades marcadas por hierarquias e opressões, precisa ser compreendido como uma prática ética e política. Amar, nesse contexto, não é apenas sentimento, mas uma escolha ativa de cuidar, transformar e sobreviver. A escrita de Jovina Souza se aproxima desse entendimento, pois nela o amor é também um meio de reconstrução da subjetividade negra, sobretudo da mulher negra, tantas vezes desumanizada nas narrativas hegemônicas.

Em diversas poesias, a autora apresenta o amor como algo profundamente ambíguo: ora abrigo, ora dor; ora ternura, ora ausência. Essa expressão revela a complexidade e a instabilidade do sentimento amoroso em suas vivências, especialmente enquanto mulher negra. O amor pode ser abrigo, quando representa acolhimento, cuidado e segurança; mas também se torna dor, quando carrega marcas de rejeição, ausência e feridas emocionais. Da mesma forma, pode surgir como ternura, nos momentos de delicadeza e afeto, ou como ausência, quando revela o vazio deixado pela falta de reciprocidade, pelo distanciamento ou pelo não reconhecimento do valor afetivo da mulher negra.

Dessa forma, ao poetizar o amor como presença e ferida, como lugar de desejo e de perda, a autora não apenas expõe suas emoções, mas também denuncia as

violências simbólicas que estruturam a afetividade no contexto do racismo. Sua escrita transforma o amor em matéria de crítica e resistência, ao mesmo tempo em que afirma a reexistência da mulher negra como sujeito que sente, deseja e é capaz de construir formas próprias de amar, para além das exclusões impostas pelo olhar hegemônico.

A complexidade afetiva é constitutiva da experiência de mulheres negras que, historicamente, tiveram seu direito ao afeto negado. Para Jovina Souza, escrever o amor é reivindicar esse poder. Seus versos não idealizam, mas revelam a vulnerabilidade, o desejo e a força de amar mesmo em contextos de desigualdade e solidão. A poesia sua poesia ressignifica o amor ao descolonizar seus sentidos ela questiona as normas afetivas impostas à mulher negra e propõe novas possibilidades de afeto, baseadas em reconhecimento, reciprocidade e liberdade.

A afetividade na comunidade negra deve ser entendida como uma área de resistência, uma vez que as conexões emocionais entre pessoas negras sempre foram alvo de táticas coloniais para desmantelá-las. Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) destaca que esses laços estão intimamente ligados às estruturas de poder.

a afetividade é um campo cheio de tensões sociais, onde as es colhas afetivas são socialmente estruturadas; porém, os sujeitos não deixam de apostar, conduzir e modificar as regras do 'jogo'. assim, livrar-se da solidão, 'frustrações' e 'decepções' e apostar em novas relações afetivas, não orquestradas pela 'raça' [...]. (Pacheco, 2013, p, 325)

Assim, ao questionar as normas emocionais que foram historicamente impostas por um sistema racista e patriarcal, indivíduos negros, em especial mulheres, reivindicam o direito ao amor como uma demonstração genuína de sua humanidade. O ato de amar e ser amado, de desejar e formar laços, se transforma, portanto, em uma ação política de resistência, quebrando os estigmas que tentam limitar seus corpos à sexualização ou da solidão. Trata-se de afirmar que o amor negro existe, resiste e reconfigura as possibilidades de existência em uma sociedade marcada pela exclusão. Ao mesmo tempo, essa ação desafia as verdades que definem a afetividade

Assim, quando Jovina Souza escreve o amor a partir de sua própria voz e vivência, ela não apenas resiste ela cria. Cria memória, cria presença, cria possibilidade. Sua poesia, caracterizada por representações do dia a dia, da herança cultural e da dor convertida em palavras, desafia os silêncios que são impostos às mulheres negras e clama por sua posição como sujeitos afetivos. Ao abordar o amor, mesmo quando ausente, Jovina cria um espaço de reexistência onde o sentimento

deixa de ser um privilégio de poucos e se torna um direito que se manifesta com uma voz forte, um ritmo singular e uma identidade negra.

O amor, em sua poesia, não é fuga da realidade, mas ferramenta de enfrentamento. É onde se preserva a esperança, mesmo diante das ausências, e onde se constrói uma possibilidade de existência plena. Amar, em Jovina Souza, é, acima de tudo, um modo de reencantar a vida e reivindicar a dignidade de sentir.

Em suas poesias, a autora traz um tom potente de ressignificação do amor, deslocando-o das concepções tradicionais que, muitas vezes, invisibilizam ou diminuem as experiências da mulher negra. Para ela, o amor não se restringe às relações interpessoais, mas se manifesta primeiramente na relação consigo mesma, na valorização, no reconhecimento e no acolhimento do próprio corpo e identidade. Esse movimento de amor-próprio é um ato político e revolucionário diante de uma sociedade marcada pelo racismo e pela desvalorização da negritude feminina.

Diante desse contexto, a poesia de Jovina Souza se destaca como um território simbólico onde a mulher negra não apenas denuncia a exclusão afetiva que vivencia, mas também ressignifica o amor a partir de sua própria experiência, linguagem e ancestralidade. Nas poesias a seguir, é possível perceber como a autora constrói uma afetividade que se distancia da lógica romântica dominante, frequentemente marcada por idealização, submissão e dor, e propõe um amor outro: um amor que nasce da escuta de si, do cuidado com o corpo, da partilha com a comunidade e da memória coletiva. A palavra poética, nesses textos, se transforma em instrumento de reaproximação com o prazer, com o desejo, com a autonomia emocional e com a possibilidade de amar fora das amarras coloniais. A seguir, observaremos como a autora opera essa ressignificação por meio de imagens, metáforas e vozes que deslocam o amor do lugar de ausência para o de criação e reexistência.

Em seu poema *“Discutindo ex relação”* propõe uma potente ressignificação do amor, que transcende a narrativa tradicional de submissão e sacrifício feminino. A protagonista do poema rompe com o amor entendido como uma obrigação moral e uma experiência marcada pela negação do desejo próprio, assumindo uma postura de autonomia afetiva e resistência:

Não me bastou viver contigo.
Não quis ser resignada,
preferi não ser uma boa mulher:
Era pouco ter apenas o seu amor

confessado.
 Escolhi ser uma mulher ruim, egoísta,
 o inferno da vida dos homens.
 Virei à cabeça, achei melhor não parir
 e aprendi, com primazia, sobre o sexo
 certo,
 das suas fantasias e das minhas.
 (Souza, 2019, p. 16)

A protagonista rompe com a concepção do amor como dever moral e se inscreve em uma ética do desejo que afirma a liberdade e o prazer. Tal gesto encontra eco no pensamento de Ana Cláudia Pacheco (2013), que analisa como o amor, na experiência de mulheres negras, é frequentemente mediado por estruturas históricas de dominação que naturalizam a desigualdade de gênero e raça nas relações afetivas. Segundo a autora,

Torna-se difícil não reconhecer como os discursos de ideologias raciais e de gênero são estruturantes e ordenam um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais ‘destinados’ às mulheres negras na Bahia e no Brasil (Pacheco, 2013, p.24).

Ao recusar esse modelo afetivo baseado na renúncia e na obediência, a mulher do poema se aproxima do que Audre Lorde (2019, p, 58) “o erótico é um recurso dentro de cada uma de nós que reside em um plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nosso sentimento não expresso.” onde ela propõe como uma reconexão com o erótico pode ser uma grande fonte de poder. Ao reivindicar esse poder, a protagonista não apenas subverte os padrões raciais e patriarcais do amor, como também reconfigura o afeto como espaço de escolha, prazer e autodeterminação uma prática radical de liberdade.

No poema “*Opção pelo Querer*” o amor é ressignificado pela ruptura com os modelos tradicionais e normativos. Apresenta-se como uma escolha consciente, pautada na liberdade, no desejo autônomo e no reconhecimento das diferenças entre os sujeitos.

[...]
 Saímos das regras do amor que nos ofertavam
 o mesmo destino do sol e da lua,
 escrevia nossa história no rascunho dos beijos
 desejados, mas proibidos,
 exílio forçado de multidões.

Livres do Amor - regra que se perpetua,

veio a leveza
do viver e do sentir entrelaçar nossas diferenças
no limite tênue entre doer e também colorir.
É impreciso o quanto podemos hoje usufruir
para além do banquete das nossas carnes em fogo,
(Souza, 2019, p. 42)

Essa ruptura se manifesta na recusa às “regras do Amor” convencionais, aquelas que historicamente impuseram um modelo único e homogêneo de relacionamento, marcado por padrões rígidos, exclusões e submissões. O poema propõe, assim, um amor que não é dado de forma natural ou inevitável, mas sim construído na tensão entre a liberdade e o vínculo, entre o prazer e a dor, entre o encontro e o respeito às singularidades.

Revela a consciência de um amor que desafia normas sociais e morais excludentes um amor que foi marginalizado, excluído e considerado subversivo. A expressão “exílio forçado de multidões” pode ser lida como a condição de grupos sociais que vivem suas afetividades à margem do que é legitimado, seja por gênero, sexualidade, raça ou classe. Nesse sentido, o poema inaugura um espaço poético que acolhe e legitima esses amores.

A partir daí, a “leveza do viver e do sentir”, que surge “entrelaçando diferenças no limite tênue entre doer e colorir”, aponta para uma experiência amorosa complexa, não idealizada, que reconhece as contradições intrínsecas das relações humanas. Essa abordagem aproxima-se da compreensão do amor como um processo ético e dialógico, que não nega as dificuldades, mas as incorpora como parte da construção de vínculos genuínos.

Essa perspectiva encontra respaldo nas reflexões de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), que aborda a importância do reconhecimento e da afirmação da identidade negra nas relações afetivas como forma de resistência às estruturas hegemônicas. Para Pacheco, o amor deve ser compreendido a partir da autonomia dos sujeitos e da valorização das diferenças, criando espaços onde experiências diversas e múltiplas formas de afetividade possam coexistir. O poema, ao desafiar as “regras do Amor” tradicionais, evidencia a construção de uma nova narrativa afetiva que acolhe tanto o prazer quanto a dor, e que subverte padrões excludentes para abrir caminho a relações mais pluralistas e libertadoras.

A escrita de Jovina Souza enfatiza a necessidade de reconstrução de identidades e relações através de processos de resistência e afirmação frente às

opressões sociais. O poema atua, assim, como um espaço simbólico de emancipação para sujeitos marginalizados, propondo uma nova narrativa afetiva que valoriza o entrelaçamento das diferenças e subverte os padrões hegemônicos tradicionais de amor e convivência social. A ressignificação do amor, nesse contexto, não é apenas uma experiência pessoal, mas um ato político de reconstrução identitária e social.

No poema *“Recado para o amor”*, Jovina Souza não apenas rejeita o modelo tradicional de amor, mas o denuncia como uma construção simbólica que se alia à dor, à dúvida e ao apagamento histórico da mulher negra. A composição poética rompe com o ideal romântico colonizado, centrado na passividade feminina, na idealização do sofrimento e na validação pelo outro, e propõe uma nova concepção de afeto: coletiva, consciente e libertadora. A voz lírica se dirige ao amor como quem confronta uma entidade conhecida, porém opressora; um inimigo íntimo, mascarado e traiçoeiro.

Não serei a boba da tua corte, aplaudindo
 teu sorrisinho sacana, dizendo-se incolor.
 Tenho uma roça de sonhos a plantar.
 Eu sou camponesa dos sonhos,
 prefiro cultivá-los hoje
 e amanhã, no alvorecer das horas,
 oferecer aos meus irmãos e irmãs
 que não recebem de ti,
 a esperança das auroras.
 (Souza, 2019, p.76)

Nessa passagem, o gesto de negação se torna também um gesto de criação. A mulher negra não se posiciona mais como aquela que espera ser escolhida, amada ou validada. Ao rejeitar o papel de “boba da corte”, ela abandona a lógica da idealização amorosa que tantas vezes colocou mulheres negras em lugar de servidão emocional aquela que ama demais, que entrega demais, que suporta tudo. Em vez disso, ela se declara dona de seus próprios sonhos, uma sujeita ativa da sua afetividade e da sua imaginação futura.

Esse deslocamento afetivo operado pela voz poética evidencia a solidão da mulher negra como um fenômeno histórico e estrutural, que a marginaliza não apenas dos espaços de poder, mas também dos vínculos afetivos e do reconhecimento emocional. No poema, a recusa ao amor não se restringe ao plano individual: ela é coletiva, ancestral e profundamente política um gesto de resistência diante de uma

afetividade marcada por exclusões, silenciamentos e violências herdadas do colonialismo.

A imagem da roça mostra a importância do trabalho emocional e simbólico que a mulher negra faz ao dar um novo sentido a sua afetividade. Ela não abandona o amor: ela cultiva um outro amor enraizado no partilhar, no cuidado mútuo e na esperança. Como afirma bell hooks (2021, p. 34), “amar é um ato da vontade, isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. Essa escolha consciente, quando feita a partir da ética da liberdade, transforma o amor em um ato político. Um gesto que rompe com os condicionamentos do afeto colonizado aquele que associa o amor ao sacrifício, à dor e à negação de si e o reconstrói como espaço de cura e emancipação subjetiva. Ao reivindicar um amor que a reconheça para além da função de resistência e da abnegação, a mulher negra desestabiliza os mitos que a confinam à força inquebrantável e inaugura novas possibilidades de existência afetiva nas quais suas dores, desejos e necessidades também importam. Amar, nesse contexto, é recusar a marginalidade emocional e construir uma nova gramática dos afetos, onde o amor deixa de ser armadilha e passa a ser ferramenta de libertação.

A consequência dessa construção simbólica é profunda. Ao ser desumanizada em sua sensibilidade, a mulher negra é afastada do campo do cuidado, do reconhecimento e da escolha afetiva. Sua imagem foi cristalizada como a da fortaleza, da trabalhadora incansável, da mulher “que dá conta de tudo” um estereótipo que legitima o abandono emocional ao mesmo tempo em que nega a ela o direito à vulnerabilidade, à ternura, ao amor escolhido. É dentro dessa lógica que a solidão afetiva da mulher negra se institucionaliza, pois ela não é lida como alguém que merece centralidade nos vínculos, mas como aquela que está sempre à margem, como apoio, como esteio, como sobra.

Portanto, ao transformar o “recado para o amor” em um gesto de autonomia, Jovina Souza constrói uma nova narrativa: aquela em que a mulher negra não mais mendiga amor, mas planta, distribui e reinventa formas de afeto baseadas em liberdade e dignidade. A resignificação do amor, nesse poema, é um projeto político de sobrevivência e reexistência.

No poema “*Um Amor Possível*” o amor é resignificado por uma perspectiva que reconhece e afirma o ser por inteiro, em sua complexidade e dignidade. A vulnerabilidade e a experiência afetiva da mulher negra, posicionando o amor como

uma potência de afirmação subjetiva e resistência frente a estruturas históricas de exclusão. Diferentemente do ideal romântico tradicional, marcado por garantias e perfeições ilusórias, o amor aqui é apresentado como um campo aberto, permeado por incertezas, “no fio das sensações possíveis”, o que remete à ideia de uma afetividade plural e fluida.

[...]
 Eu morro e vivo nesse mistério de gozar
 contigo
 sem economia de fantasias e delicadezas
 Esse prazer até em dividirmos a mesa,
 é o legado de sermos amantes nesses dias
 de sentimentos diversos que me dominam:
 mais a tristeza que sinto na hora de ir,
 e, na volta, essa alegria menina.
 Movimento do que sinto no galope da ilusão
 que me assiste,
 onde não há garantias, apenas o pacto de viver
 no fio das sensações possíveis.
 (Souza, 2019, p. 57)

Essa concepção dialoga com o pensamento de bell hooks (2021), que propõe uma ética do amor baseada na coragem, na honestidade e na prática do cuidado mútuo, como formas de subverter relações de dominação e opressão. Para hooks, o amor é uma prática ativa que transforma as relações humanas, e no poema esse aspecto se evidencia na entrega ao “mistério de gozar contigo” e na celebração dos pequenos prazeres cotidianos, como “dividirmos a mesa”. Tais imagens revelam que o amor, para além do desejo, é também um espaço de cuidado, cumplicidade e resistência. Nas palavras da autora:

Para vivermos nossa vida com base em princípios de uma ética amorosa (demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar), temos de ser corajosos. Aprender como encarar nossos medos é uma das formas de abraçar o amor. Talvez nosso medo não vá embora, mas já não ficará no caminho. Aqueles de nós que já escolheram adotar uma ética amorosa, permitindo que ela governe e oriente o modo como pensamos e agimos, sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que também mantêm sua chama acesa. Não estamos sozinhos. (hooks, 2021, p. 96)

O sentimento representando no poema não é apresentado como um estado idealizado ou inalcançável, mas como uma experiência profundamente humana,

permeado sem haver dúvidas, sem hesitação, mas com escolhas conscientes. Argumentando que não há garantias, apenas "um pacto de viver no limite das experiências possíveis", a voz poética rompe com o paradigma do amor como segurança e estabilidade, redefinindo-o como uma forma de viver o amor com honestidade e sensibilidade, aceitando que ele é passageiro, mas ainda assim valioso.

A coragem mencionada por hooks (2021) encontra eco direto no sujeito lírico, que assume o risco de amar mesmo diante da incerteza, e que encara o amor como um espaço onde é possível habitar a vulnerabilidade sem que ela signifique fraqueza. O amor, neste contexto, significa estar totalmente presente, desfrutar de maneira livre, e compartilhar o dia a dia com atenção e zelo. Isso simboliza uma quebra com a lógica emocional típica do Ocidente, que historicamente privou a mulher negra do direito a um amor cheio de sensibilidade, delicadeza e erotismo completo.

Com delicadeza e determinação, a obra poética de Jovina Souza nos inspira a visualizar o amor como um espaço de libertação para mulheres negras, um ambiente onde a dor não é abafada, mas sim reconhecida; onde o corpo é ouvido, e não visto apenas como objeto; onde a afetividade é um direito ancestral, não um privilégio. Ao evocar lembranças, sentimentos e ações cotidianas, sua escrita desmantela os silêncios impostos pela colonialidade, rejeitando histórias que historicamente privaram a mulher negra do direito de sentir, escolher e receber amor.

Jovina Souza trata o amor não como um conceito inalcançável, mas como uma vivência concreta, nas interações que ocorrem agora e nas mínimas trocas que mantêm a existência. Assim, suas poesias possuem uma visão tanto política quanto espiritual, simbolizando uma resistência que altera o amor de uma situação passiva para um espaço de criação ativa. Em suas obras, amar não significa aguardar aprovação, mas sim manifestá-lo de maneira franca; não implica em aceitar a falta, mas sim em nutrir presenças plenas.

Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Patricia Hill Collins (2019) ao reconhecer que, embora a solidão seja uma experiência marcante:

As mulheres negras resistem, seja compartilhando pequenos momentos de amor umas com as outras na vida cotidiana, seja cultivando comunidades nas quais a vida de nossos filhos, de nossos entes queridos e nossa própria vida importam, seja, ainda, criticando as políticas públicas que nos negam acesso a segurança, educação, moradia, emprego e saúde. (Collins, 2019, p.15)

A ideia de suporte emocional cotidiano se revela na obra de Jovina Souza, que transforma a percepção do amor em um ambiente de renovação tanto pública quanto pessoal. Suas poesias expressam não apenas a dor advinda da ausência e do descaso, mas também criam oportunidades para formas de amor que são mais livres, éticas e justas. Ela sugere uma afetividade que não se baseia em idealizações ou expectativas, mas em ações concretas: partilhar a refeição, viver o agora, celebrar o prazer sem remorso, e dividir o silêncio acolhedor. Na sua poesia, o amor transcende a mera sobrevivência, sendo uma maneira de viver que se recusa a ser confinada à marginalidade.

Ao escrever desde e para as mulheres negras, a autora rompe com o paradigma da mulher que só ama sofrendo, que só se reconhece na dedicação. Ela desenha, com palavras, uma nova ética do sentir, onde o amor não mais domestica, mas liberta; não mais marginaliza, mas centraliza; não mais invisibiliza, mas ilumina. O amor, aqui, é insurgente, é teimosia que persiste mesmo quando tudo desaba, é escolha política de viver com dignidade e ternura em um mundo que insiste na desumanização.

Seus versos são como sementes lançadas em um terreno seco da exclusão. E, assim como essas sementes, possuem a expectativa de desenvolver-se não isoladamente, mas em coletividade. Isso porque o amor, em sua arte, é igualmente uma construção conjunta, uma troca de realidades viáveis, uma transformação de laços que ultrapassam as limitações do racismo, do machismo e da solidão sistemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar como a poesia de Jovina Souza representa a solidão afetiva da mulher negra, problematizando os atravessamentos de raça, gênero e afeto que constituem essa vivência. Durante a pesquisa, ficou claro que a solidão experimentada por mulheres negras não deve ser encarada como uma experiência individual ou circunstancial, mas como resultado de um projeto histórico estruturado por violências simbólicas e materiais que a excluíram, sistematicamente, do campo dos afetos legítimos.

A análise das poesias do livro *O amor não está* (2019) revela que a solidão amorosa da mulher negra, embora permeada por silêncios, abandonos e vazios, é também um campo fértil para a reinvenção. Ao dar voz poética às dores e desilusões, Jovina Souza não apenas questiona a estrutura social opressora, mas transforma suas palavras em um espaço de cura e resistência. Sua escrita não oferece respostas fáceis, mas aponta para um enfrentamento estético e político dos vazios históricos que moldaram a vida dessas mulheres.

Adotando uma perspectiva interseccional, percebe-se que o amor, muitas vezes idealizado como um espaço privado e neutro, é na verdade profundamente influenciado por normas sociais que racializam as emoções. Nesse contexto, a mulher negra é frequentemente excluída das narrativas românticas, vista como um corpo resistente, mas raramente como um sujeito de afeto e desejo. A poesia de Jovina Souza desafia essa lógica, colocando a mulher negra no centro da experiência emocional, não apenas como vítima do abandono, mas como protagonista de sua própria reconstrução.

A pesquisa também ressalta a importância da literatura feita por mulheres negras como um ato de resistência contra o epistemicídio e o silenciamento histórico. Ao entrelaçar memória, dor, desejo e ancestralidade, a obra dessas autoras provoca mudanças significativas no panorama literário e social, abrindo espaço para novas formas de ver, sentir e contar a realidade.

Assim, a solidão abordada neste contexto torna-se fundamento para a formação de novas identidades e emoções. Distante de ser apenas sofrimento, a poesia de Jovina Souza nos apresenta caminhos para reinterpretção e inclusão. Ao relatar sua própria experiência como mulher negra, a escritora descobre um espaço de expressão que é simultaneamente pessoal, político e coletivo. Sua obra demonstra

que a vivência afetiva da mulher negra é marcada por camadas históricas de exclusão, mas também por forças de reinvenção, transformando a literatura em um campo de resistência e reflexão crítica. Dessa maneira, conclui-se que a escrita poética de Jovina Souza contribui significativamente para a criação de uma nova sensibilidade literária e social, onde as vozes negras ocupam o centro da narrativa, com legitimidade, complexidade e poder transformador.

REFERÊNCIAS

LIVROS A MÃO CHEIA - JOVINA SOUZA - 18.01.2025. Youtube, 2025. 1 Vídeo (47:49). Publicado pelo Canal TV ALBA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YG_juKRI9IY&t=2680s. Acesso em: 15 mai. 2025.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Jandaíra - Coleção Feminismos Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003, seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 22 mai. 2025.

BRASIL. **Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas.** Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>. Acesso em: 15 mai. 2025.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>.

COLOMER, Teresa. O processo do leitor. *In*: Colomer, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007. cap, 2. p. 49-71.

COLLINS, Patricia Hill. AS RELAÇÕES AFETIVAS DAS MULHERES NEGRAS. *In*: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Tradução de Vanessa Borges. São Paulo: Boitempo, 2019. cap 7. p, 287-322.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. O QUE É INTERSECCIONALIDADE?. *In*: COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Boitempo Editorial, 2021. cap, 1. p, 17-51.

DA, I. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 25 mai. 2025.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.

DE, M.; SANTOS, C. **A trilha do medo, a trilha da cura: a literatura de horror de autoria negra feminina na Bahia, uma leitura de Jovina Souza e Hildália Fernandes.** [s.l: s.n.]. p. 83-103. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, [campus ou cidade se

houver], [ano]. Disponível em:

<https://saberaberto.uneb.br/server/api/core/bitstreams/74456afb-0538-4191-bc34-71ecc13e9e93/content>. Acesso em: 17 mai. 2025.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org). **Escrevivência**: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020. cap, 1. p, 11-24.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020. cap, 2. p, 27-47.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. A máscara: Colonialismo, Memória, Trauma e Descolonização. *In*: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira e Sônia Rosa. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. cap 1. p, 33-40.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Entrevista com Jovina Souza sobre a poesia do amor preto. Youtube, 2022. 1 Vídeo (1:13:40). Postado pelo Canal Lucas de Matos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HAYH9wiRxpK>. Acesso em: 22 mai. 2025.

PACHECO, Ana Cláudia. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: Edufba, 2013.

Jovina Souza - Pílulas Poéticas Coleção Tinta Preta. Facebook, 2021. 1 Vídeo (09:22). Postado pelo canal Portuário Atelier Editorial. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=4355185027893008>. Acesso em: 13 mai. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Joelia de Jesus. **Escritoras negras baianas**: produção literária e mercado editorial. 2020. 142 f. p. 35-40. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) –

Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2020. Disponível em: <https://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2024/08/SANTOS-JOELIA-DE-JESUS.-ESCRITORAS-NEGRAS-BAIANAS-PRODUCAO-LITERARIA.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2025.

Santos, J. E. dos, Moura, A. L. G. ., Silva, J. D. M., & Avelar, M. B. (2023). **TALVEZ EU SEJA “PRETA DEMAIS”**: quando falta amor, sobra melanina. *Kwanissa: Revista De Estudos Africanos E Afro-Brasileiros*, 6(14), 197–212. <https://doi.org/10.18764/2595-1033v6n14.2023.11>

Souza, F. da S. (2017). **Mulheres negras escritoras**. *Revista Crioula*, 20. p.19-39. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.141317>

SOUZA, Jovina. **O amor não está**. Salvador: Ed. Ominira, 2019.

SOUZA, Jovina. **Entrevista concedida a Gabriela Amorim**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/01/a-literatura-dialoga-com-todas-instancias-da-vida-com-todos-os-poderes-afirma-poeta-jovina/>. Acesso em: 15 mai. 2025.

TAKEUTI, N. **Amor, nem tão demasiadamente humano nem demasiadamente desumano**. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), [S. l.], v. 22, n. 38, p. 63–86, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7468>. Acesso em: 2 jul. 2025.

VIRISSIMO, V. **“A literatura dialoga com todas instâncias da vida, com todos os poderes”, afirma poeta Jovina**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/01/a-literatura-dialoga-com-todas-instancias-da-vida-com-todos-os-poderes-afirma-poeta-jovina/>. Acesso em: 22 mai. 2025.